



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IANE DE JESUS CARNEIRO

**“FÉ QUE PENSA, RAZÃO QUE CRÊ”:
UMA ANÁLISE DA
RELAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E
ACADÊMICAS DE ESTUDANTES
DE PEDAGOGIA DA UEFS**

Feira de Santana
2023

IANE DE JESUS CARNEIRO

“FÉ QUE PENSA, RAZÃO QUE CRÊ”: UMA ANÁLISE DA
RELAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E
ACADÊMICAS DE ESTUDANTES
DE PEDAGOGIA DA UEFS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador(a): Prof. Dr. Ivan Faria

Feira de Santana – BA
2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/1976
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de
19/12/1986 Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271
de 14/12/2004 Recredenciada pelo Decreto nº 17.228 de
25/11/2016

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**

IANE DE JESUS CARNEIRO

“FÉ QUE PENSA, RAZÃO QUE CRÊ”: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AS
EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E ACADÊMICAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA
DA

UEFS. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade
Estadual de Feira de Santana, na linha de Culturas, diversidade e linguagens, como requisito
para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 30 de outubro de 2023.

Prof/a. Dr/a. IVAN FARIA
Orientador/a -UEFS

Prof/a. Dr/a. LUIZ PAULO JESUS DE OLIVEIRA
Primeiro/a Examinador/a - UFRB

Prof/a. Dr/a. CLAUDIA DE ALENCAR SERRA E SEPULVEDA
Segundo/a Examinador/a - UEFS

RESULTADO: APROVADA

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

C288f

Carneiro, Iane de Jesus

“Fé que pensa, razão que crê”: uma análise da relação entre as experiências religiosas e acadêmicas de estudantes de pedagogia da UEFS / Iane de Jesus Carneiro – 2023.

110 f.: il.

Orientador: Ivan Faria

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, Feira de Santana, 2023.

1. Religião. 2. Conhecimento científico. 3. Estudante universitários – Religiosidade. 4. Pedagogia – Universidade Estadual de Feira de Santana.

I. Faria, Ivan, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana.

III. Título.

CDU 215-057.875

Daniela Machado Sampaio Costa - Bibliotecária - CRB-5/2077

IANE DE JESUS CARNEIRO

**“FÉ QUE PENSA, RAZÃO QUE CRÊ”: UMA ANÁLISE DA
RELAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E
ACADÊMICAS DE ESTUDANTES
DE PEDAGOGIA DA UEFS”**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Ivan Faria – UEFS
Orientador(a)

Prof. Dr. Luiz Paulo Jesus de Oliveira – UFRB
Primeiro Examinador

Prof^(a). Dr^(a). Claudia de Alencar Serra e Sepúlveda – UEFS
Segundo(a) Examinador(a)

Feira de Santana, 30 de outubro de 2023.

Resultado: APROVADA

Dedico à Beatriz, minha filha amada, minha mãe e minhas irmãs. Mulheres essenciais na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus pelo seu infinito amor e misericórdia sobre minha vida e porque, de forma tão grandiosa e sublime, ter demonstrado em pequenos gestos seu cuidado por mim em todo o caminhar dessa pós-graduação.

Agradeço a Beatriz, minha fonte de inspiração diária, meu combustível para seguir lutando por dias melhores e vislumbrar um futuro sem preconceitos, injustiças e desigualdades. Bia, talvez você não tenha a dimensão do quanto a sua existência me motiva e o quanto me mantém firme, persistindo em alcançar os meus objetivos. Mamãe te ama demais!

Agradeço à minha mãe Geovania, a quem devo minha gratidão e amor por ser minha inspiração. Não tenho palavras para agradecer por todos os sacrifícios que a senhora já fez por nos ver conquistar sonhos e lugares que a senhora, abriu mão para que nós alcancemos primeiro.

Agradeço às minhas irmãs, Iziane e Viviane, essa conquista também é de vocês. Obrigada pelas palavras de incentivo, pelos puxões de orelha e por serem ouvidos atentos quando essa pesquisa ainda era um sonho.

Agradeço a meu esposo Rosenilson que, mesmo sem compreender o porquê que tanto das minhas pesquisas sobre Marx, serviu como combustível para eu superasse os meus limites e sentisse na pele aspectos das teorias que eu tanto estudava.

Agradeço às minhas colegas de trabalho (Quezia, Vania, Grazi, Kátia, Aline) que nunca me deixaram desanimar. Que sempre que possível me lembraram que a autocobrança é como o sal que, na medida certa, deixa a comida palatável, mas que em excesso faz muito mal e pode nos levar ao adoecimento ou em falta deixa a comida sem graça. Obrigada por me mostrarem sempre a necessidade do equilíbrio meninas.

Agradeço ao Centro de Educação Básica da UEFS por me apresentar a possibilidade de ser uma professora da educação básica e pesquisadora. Agradeço a cada colega da escola que direta ou indiretamente se fizeram presentes nessa conquista (Luciana, Elvira, Márcia, Erika, Susana, Luisa).

Agradeço ao grupo de pesquisa NETTE, que me acolheu desde a graduação. Gratidão à professora Mirela e colegas estudantes pelos momentos de partilha e escuta.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UEFS pela dedicação e compromisso com a educação pública.

Agradeço aos professores do colegiado do Programa os quais foram verdadeiros professores. A cada reunião do colegiado eu experienciei um novo aprendizado. Meu agradecimento especial a Elenise, Marco, Fabíola, Lore, Fabrício e pró Solange Mary. Vocês são demais e que venha o doutorado com Solange no corpo docente (rsrsrs piada interna)!

Agradeço aos colegas da turma de 2021. Que turma do barulho kkkkk obrigada por cada troca, pelas resenhas.

Agradeço em especial a Quezia, Grazi, Vanessa, Taís, Carine, Gustavo, Dani por termos conseguido estabelecer um vínculo tão bacana que possibilitou tanta troca entre nós.

Agradeço ainda ao meu orientador, Ivan Faria, por ser além de um orientador um amigo. Obrigada por cada gesto de empatia, por cada mensagem de preocupação em não me deixar desanimar ou esmorecer. Obrigada por aturar meus surtos de preocupação e meus sumiços em decorrência das demandas do trabalho, aqui vejo a mão de Deus cuidando de mim poderosamente, porque se eu não tivesse um orientador tão sensível e empático eu teria surtado verdadeiramente (rsrsrs). Obrigada por ter sido um verdadeiro artesão, lapidando a minha escrita e caminho na pesquisa. Gratidão.

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem. Hebreus 11:1

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma se relacionam o conhecimento científico e as experiências religiosas de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Fundamenta-se teoricamente nas teorias sobre habitus híbrido e socialização, bem como nos estudos sobre juventude universitária e religiosidade. A metodologia articula técnicas quantitativas e qualitativas, envolvendo aplicação de 89 questionários e 7 entrevistas a discentes do curso de Pedagogia da UEFS, produzindo dados que foram analisados por meio de análises estatísticas descritivas e categorização temática das respostas obtidas com os depoimentos. Os resultados da pesquisa mostraram que 84,2% dos estudantes encontram-se na faixa etária entre os 17 a 25 anos de idade. Com relação à identificação etnicorracial, 85,4% dos estudantes consideram-se pretos, sendo que destes 41% são pardos e 43,8% são pretos. Observou-se a predominância de duas religiões cristãs, sendo que os protestantes representam 31,5% de adeptos e os católicos compõem 28,1%. Acompanhando o que os estudos de Scheliga, Knoblauch e Bellotti (2020) sinalizam, foi possível observar que o curso de Pedagogia acompanha o cenário do campo religioso brasileiro com o aumento do número dos “sem religião” ou dos sem uma identidade religiosa e dos evangélicos/protestantes. Conclui-se que a religiosidade de estudantes universitários exercem influência direta em suas trajetórias de vida, nas formas de enxergar e entender o mundo, na vida acadêmica e em sua formação profissional.

Palavras-chave: Juventude universitária; ciência; religiosidade

ABSTRACT

The present work aims to analyze how scientific knowledge and religious experiences of students on the Degree in Pedagogy of State University of Feira de Santana (UEFS) are related. It is theoretically based on theories about hybrid habitus and socialization, as well as studies on university youth and religiosity. It is theoretically based on theories about hybrid habitus and socialization, as well as studies on university youth and religiosity. The methodology articulates quantitative and qualitative techniques, involving the application of 89 questionnaires and 7 interviews with students on the Pedagogy course at UEFS producing data that were analyzed through descriptive statistical analysis and thematic categorization of the responses obtained from the statements. The search results showed that 84.2% of students are between 17 and 25 years old. Regarding ethnic and racial identification, 85.4% of students consider themselves black, of which 41% are brown and 43.8% are black. The predominance of two Christian religions was observed, with Protestants making up 31.5% of followers and Catholics making up 28.1%. Following what the studies by Scheliga, Knoblauch and Bellotti (2020) indicate, it was possible to observe that the Pedagogy course follows the scenario of the Brazilian religious field with the increase in the number of “without religion” or those without a religious identity and evangelicals/protestants. It is concluded that the religiosity of university students has a direct influence on their life trajectories, on their ways of seeing and understanding the world, on their academic life and on their professional training.

Keywords: University youth; science; religiosity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Principais lemas do governo Bolsonaro	47
Figura 2	Valores considerados relevantes para serem trabalhados na escola, segundo os (as) participantes	68
Figura 3	Como pensam em trabalhar valores em sala de aula	70
Figura 4	Influência da religiosidade dos alunos no próprio desempenho escolar	71
Figura 5	Influência da religiosidade do professor na prática pedagógica	72
Figura 6	Observação de elementos religiosos no ambiente escolar	75

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1	Perfil etário dos (as) participantes	52
----------	--------------------------------------	----

Tabela 2	Orientação sexual dos (as) participantes	54
Tabela 3	Pertencimento religioso dos (as) participantes	55
Tabela 4	Indicação de mudança de religião, doutrina ou crença ao longo da vida entre os (as) participantes	57
Tabela 5	Grau de participação e engajamento religioso	62
Quadro 1	Trabalhos publicados nos anais de reuniões nacionais da ANPED e selecionados a partir de análise dos GT 14: sociologia da educação (2011-2019)	25
Quadro 2	Trabalhos disponibilizados na The Scientific Electronic Library Online - SciELO e selecionados a partir dos descritores Juventude, Religião e Universidade	26
Quadro 3	Artigos encontrados no catálogo de teses e dissertações da CAPES	27
Quadro 4	Religião e Rendimento - População Brasileira	40
Quadro 5	Perfil dos participantes das entrevistas	51
Quadro 6	Ementa do componente Ciências Humanas e Filosofia (CHF) – Antropologia e Educação, pertencente ao currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS	80
Quadro 7	Componentes pertencentes ao Eixo I do currículo do curso de Pedagogia da UEFS	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TRACE	Trajetórias, Cultura e Educação	14
ABUB	Aliança Bíblica Universitária do Brasil	14
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana	16
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	19
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação	24
SCIELO	The Scientific Electronic Library Online	24
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	24
GT	Grupo de Trabalho	25
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso	27

PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	28
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	28
UFPB	Universidade Federal da Paraíba	28
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	28
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	28
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná	28
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco	29
UFC	Universidade Federal do Ceará	29
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação	33
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido	34
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa	34
SPSS	Statistical Package for the Social Science	35
IES	Instituição de Ensino Superior	37
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	40
LGBTQI AP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Interssexuais, Assexuais e Pansexuais	42
SiSU	Sistema de Seleção Unificada	39
UFU	Universidade Federal de Uberlândia	47
LDB	Lei de Diretrizes e Bases	52
OLÉ	Observatório da Laicidade na Educação	58
PPC	Projeto Pedagógico de Curso	61
CNE	Conselho Nacional de Educação	63
CP	Conselho Pleno	63
CHF	Ciências Humanas e Filosofia	64
CH	Carga horária	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 DEFINIÇÕES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS	17
1.2 REVISANDO A LITERATURA	24
2 METODOLOGIA	31
3 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE	37
3.1 CONCEITUANDO RELIGIÃO	38
3.2 CAMPO RELIGIOSO NO BRASIL	41
4 CONHECENDO OS (AS) JOVENS E SUAS RELIGIÕES	50
5 TRANSFORMAÇÕES PELA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE	61
5.1 EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E ACADÊMICAS DAS (OS) FUTURAS (OS) PEDAGOGAS (OS)	62
5.2 JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA E RELIGIOSIDADE	64
6 RELIGIÃO E LAICIDADE NA VIDA PROFISSIONAL	
7 FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UEFS	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO VIRTUAL	95
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 1: <i>SER RELIGIOSO - INDIVÍDUO E RELIGIÃO</i>	106

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 2: <i>SER PEDAGÓGICO/CIENTÍFICO - RELIGIÃO E PRÁTICA EDUCATIVA</i>	107
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	108
APÊNDICE E - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	110
ANEXO A - PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA APROVANDO A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	

1 INTRODUÇÃO

“Considero as Escrituras de Deus como sendo a filosofia mais sublime. Eu encontro mais marcas de autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana, seja qual for” (Isaac Newton).

O desejo de desenvolver a pesquisa de mestrado intitulada “Fé que pensa, razão que crê”: uma análise da relação entre as experiências religiosas e acadêmicas de estudantes de pedagogia da UEFS, partiu inicialmente das minhas experiências religiosas, as quais sempre exerceram forte presença na minha trajetória, incluindo círculos de amizades, redes de sociabilidade, escolhas e decisões em diversas áreas da minha vida.

Enquanto estudante, durante os anos finais do Ensino Fundamental e ao longo do Ensino Médio, vivenciei algumas situações conflituosas, principalmente nas aulas de Filosofia e Biologia, nas quais os professores apresentaram teorias e conhecimentos que divergiam da formação religiosa que recebia à época.

Debates acalorados eram comuns nessas aulas, principalmente, quando envolviam assuntos como evolucionismo, liberação do uso de drogas, pena de morte, existência ou não de um deus e, nesse momento, eu reivindicava o uso da letra maiúscula para representar a divindade em que acreditava, reflexo dos dogmas e doutrinas da igreja batista que frequentava.

Ao ingressar no ensino superior, novamente me deparei com conflitos entre a religião e o conhecimento acadêmico ao discutir nas aulas de metodologia do trabalho científico sobre os conceitos de mito, verdade, fato, dentre outros temas. Não que esse embate fosse provocado pelos professores das disciplinas; pelo contrário, os conflitos eram justamente gerados quando via que o que aprendia no ambiente religioso era criticado, questionado ou descredibilizado pelo conhecimento científico discutido nas aulas do curso de Licenciatura em Pedagogia. Além das aulas de metodologia, nas aulas de filosofia, sociologia e antropologia fui apresentada a uma nova forma de pensar, agora cientificamente e não apenas com as bases religiosas.

Apesar de ser orientada pelos meus líderes religiosos ao ingressar no espaço acadêmico, de que precisaria me ‘blindar’ dos discursos seculares da universidade, me mantive aberta para apreender todo o conhecimento necessário para a minha formação como docente. Aqui, vale ressaltar que a própria relação com a igreja e o envolvimento com as

atividades ministeriais em que eu atuava como professora da classe das crianças de um Ministério Infantil¹ exerceram forte influência na escolha pelo curso de Pedagogia, uma vez que eu enxergava nessa possibilidade de formação acadêmica, um meio de ajudar também a membresia da igreja oferecendo um trabalho mais qualificado pois, ao final do curso, receberia a certificação de uma instituição de ensino superior.

Já em meados do curso de graduação, enquanto bolsista de iniciação científica desenvolvi um projeto, entre 2010 e 2012, junto ao grupo de pesquisa Trajetórias, Cultura e Educação (TRACE)² o que me aproximou da religião não apenas como uma experiência pessoal, mas como um objeto de estudo. Durante a experiência de desenvolver pesquisa com temática envolvendo a religiosidade de jovens de um ministério de dança, pude fazer leituras que me possibilitaram olhar criticamente para aquele ambiente em que estava submersa.

Ainda durante a graduação, tive contato com outras experiências e ambientes que me levaram a refletir e a vivenciar a minha religiosidade. Dessa vez, buscando uma forma de socialização no espaço da universidade passei a integrar o grupo Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB)³, e participava das reuniões, círculos de oração, atividades como acampamento e palestras.

Essa aproximação com a ABUB me motivou a escolher o nome da atual pesquisa, uma vez que o lema “fé que pensa, razão que crê” era o mote das reuniões do grupo, levando os integrantes a não se limitarem a apenas crer ou apenas a pensar, buscando construir uma crença baseada na ciência e uma ciência baseada na fé.

Foi por meio da observação da experiência religiosa dos jovens universitários e da minha experiência pessoal que compreendi a importância em estudar sobre como se dá a adesão religiosa desses estudantes e como essa adesão se configura no espaço acadêmico frente às discussões teóricas, sobretudo aos temas relacionados às questões étnico-raciais, de gênero, da laicidade do estado, da política entre outros.

¹ A Convenção Batista Brasileira se baseia nos princípios descritos no livro de Paulo à Igreja de Corinto e preconiza que um ministério trabalhe com diversos órgãos e serviços (I Cor. 12. 8-11) De acordo com a orientação de Paulo, as diretorias das Igrejas instituem lideranças para cada conduzir atividades na congregação. Dentro do Ministério Infantil, são realizadas atividades de ensino bíblico voltadas para as crianças.

² CARNEIRO, Iane de Jesus; MARQUES, Eduardo Frederico Luedy; Faria, Ivan. A religiosidade evangélica entre jovens de um ministério de dança: espaços formativos e tensões pedagógicas com a escola. In: Seminário de Iniciação Científica – UEFS (SEMIC-UEFS), XV, 2011, Feira de Santana-BA. **Anais...** Feira de Santana, SEMIC-UEFS, 2011.

³ De acordo com o site da ABUB, trata-se de uma organização missionária evangélica que existe para compartilhar o evangelho de Jesus Cristo nas escolas e universidades brasileiras através da iniciativa dos próprios estudantes. Disponível em <<http://abub.org.br/quem-somos>>, acessado em 10 março de 2022.

Deste modo, começo a delinear o presente estudo sobre os conflitos existentes entre o conhecimento científico e as experiências religiosas de estudantes universitários.

Problema de pesquisa

A partir da observação dos dados de uma pesquisa que buscava analisar o perfil dos estudantes dos cursos de licenciatura do Brasil entre os anos de 2005 a 2014, que mesmo sem a vigência da Lei de Cotas, durante o período de realização da pesquisa, já era possível notar “um aumento significativo de alunos da escola pública, que equivale aproximadamente, no caso das licenciaturas, à proporção de estudantes da população que estuda nessas instituições” (GATTI et al., 2019, p. 147).

Outros dados obtidos na pesquisa citada acima que são interessantes a serem mencionados dizem respeito ao capital cultural das famílias desses estudantes, evidenciando assim “o baixo nível geral de escolarização das famílias dos estudantes que se preparam para a docência” (GATTI et al., 2019, p. 148).

A pesquisa aponta ainda que os docentes atuantes na educação básica, em sua grande maioria, foram os primeiros de suas famílias a ingressarem em cursos de nível superior. Evidenciando uma enorme diferença quando se trata de cursos vistos como de mais prestígio social.

Cotejar o perfil dos estudantes dessas áreas com o dos alunos das licenciaturas dá ensejo, por si só, à constatação da força dos marcadores sociais e culturais na determinação da trajetória escolar dos estudantes. Mas evidencia também o peso das instituições educativas na modelagem dessas trajetórias, criando as condições de reprodução das desigualdades sociais por meio das desigualdades de oferta educativa que por elas são produzidas e alimentadas no bojo de uma sociedade tão pouco equitativa como a brasileira (GATTI et al., 2019, p. 148).

Os dados dessa pesquisa se misturam com a minha própria trajetória de vida, uma vez que, como apontado pelos pesquisadores, eu fui a primeira da família materna a alcançar a graduação, concurso público e atualmente a pós-graduação.

No entanto, é comum os jovens apontarem que a universidade, com seu racionalismo e cientificismo, não cede espaço para que reflitam sobre a sua própria religiosidade ou espiritualidade (RIBEIRO, 2009).

A religião se relaciona diretamente com outras dimensões da existência humana, como a sociabilidade, as amizades, a vida afetiva criando, com isso, dispositivos que dirigem essas ações (SCOTT; CANTARELLI, 2004). A partir desse dado, pode-se discutir quais

dispositivos ou conhecimentos são acionados por um (a) estudante com uma experiência religiosa mais conservadora e um (a) estudante com pouca ou nenhuma experiência religiosa para discutir temas vistos atualmente como polêmicos.

Nos cursos de Pedagogia, especificamente, existem algumas singularidades que merecem atenção: é uma graduação majoritariamente composta por estudantes do gênero feminino e tem como escopo formar docentes que atuarão nos primeiros anos de socialização e escolarização das crianças, etapa em que a formação de hábitos e valores são centrais nas propostas pedagógicas (LORDÊLO, ROSA, 2007; GATTI et al., 2019).

Nesse sentido, esse projeto analisará dois campos: o *ser religioso (a)* das estudantes, analisando as suas convicções e crenças e o *ser pedagoga (o)*, formado pelo conhecimento científico, através da experiência acadêmica em que se espera desse (a) profissional um olhar crítico e uma postura investigativa, assim como práticas pedagógicas com vistas a diminuir os preconceitos de natureza diversa, em especial, religiosa.

Portanto, inicialmente, pretende-se investigar o perfil religioso e a religiosidade de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), uma vez que a universidade é um espaço com diversidade cultural e religiosa, em que se espera dos estudantes uma análise crítica e científica acerca dos fenômenos que nos cercam (RIBEIRO, 2009).

Diante do exposto acima, o problema de pesquisa delineado busca responder à seguinte inquietação: *Como a religiosidade de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS interage com os conhecimentos científicos adquiridos em seus processos de formação?*

Questões de pesquisa e objetivos

A revisão de literatura permitiu conhecer alguns trabalhos que dialogam com o objeto de pesquisa, incluindo o trabalho de Groppo e Borges (2018), o qual aponta que as experiências religiosas dos estudantes exercem influência direta em suas trajetórias de vida, formas de enxergar e entender o mundo, na vida acadêmica e formação profissional.

Os autores investigaram um grupo ligado à Aliança Bíblica Universitária presente numa universidade pública do interior de Minas Gerais e os dados empíricos apontaram para tensões vividas pelos integrantes dos grupos do ponto de vista da participação política, derivadas da contraposição entre, de um lado, a horizontalidade e certas tendências

progressistas vividas no cotidiano do grupo, e por outro, a centralização e as tendências conservadoras das lideranças evangélicas (GROPPO; BORGES, 2018).

Além disso, foi possível identificar trabalhos recentes que discutem e revelam uma maior participação religiosa na esfera pública e política do país por parte de jovens vinculados às denominações cristãs como as religiões protestantes e católicas.

Algumas pesquisas contemporâneas também sinalizam novas tendências no campo religioso brasileiro. Segundo Scheliga, Knoblauch e Bellotti (2020), há “um número expressivo de estudantes sem filiação religiosa específica, os ‘sem religião’”, em consonância com outros estudos relacionados à temática (FLEXOR; RODRIGUES; SILVA, 2020), o que também se mostra como um dado revelador.

Com base nessas leituras é possível elencar algumas questões que nortearam o desenvolvimento desse projeto de pesquisa, a saber:

- a) Quais estratégias são acionadas pelos (as) estudantes de Pedagogia na relação entre o conhecimento científico e o conhecimento religioso;
- b) Como as opiniões desses estudantes acerca de temas como gênero, sexualidade, relações étnico-raciais, resolução de conflitos e pensamento político são atravessados por suas experiências religiosas;

A partir da problemática e das questões acima mencionadas, definimos como objetivo geral analisar as experiências religiosas de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS.

Como objetivos específicos foram elencados os seguintes tópicos:

- c) Traçar o perfil religioso de estudantes do curso de Licenciatura Pedagogia da UEFS;
- d) Entender como as experiências religiosas de estudantes interagem com os conhecimentos científicos;
- e) Compreender como os estudantes lidam com os conflitos existentes entre o conhecimento científico e as suas experiências religiosas.

1.1 DEFINIÇÕES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Pensar em opções metodológicas que se constituem suporte às análises acerca do objeto dessa pesquisa mostrou-se um exercício desafiador no que diz respeito a compreender de que maneira a religiosidade interfere na vida e na formação acadêmica de estudantes de Pedagogia.

Nesse sentido, o aporte teórico-metodológico encontra-se fundamentado inicialmente nos conceitos de *habitus híbrido* e *socialização*, segundo Maria da Graça Jacintho Setton, sendo, portanto, necessário discorrer, ainda que sucintamente, sobre a formulação original do conceito de *habitus* proposto por Pierre Bourdieu.

Desse modo, Bourdieu considera que “*habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Com relação ao campo religioso, de acordo com Bourdieu, pode-se observar que o campo religioso se trata de um campo de forças em que um grupo de agentes com papéis bem definidos atuam dentro de um campo de disputas.

[...] sua concepção do campo religioso em termos de um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (os grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais (BOURDIEU, 2007, p. 25).

Nesse campo de forças a religião exerce o que Bourdieu nomeia de função ideológica, atuando de forma a garantir que ocorra a “função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p. 46).

Podemos observar esse caráter ideológico descrito por Bourdieu quando determinados grupos religiosos tentam impor suas práticas e crenças tornando-as absolutas sem levar em consideração as especificidades e características de outros grupos que divergem. Ou quando rechaçam práticas de não-religiosos por não se enquadrarem em seus dogmas e preceitos.

No que se refere à religiosidade de estudantes dos cursos de Pedagogia buscou-se analisar a relação entre os conhecimentos científicos adquiridos para o futuro exercício da docência e os conhecimentos religiosos oriundos de suas crenças e filiações religiosas a partir das contribuições de Setton, tendo como base o conceito de *habitus híbrido* e *socialização*.

Com efeito, o *habitus* constitui um princípio gerador que impõe um esquema durável e, não obstante, suficientemente flexível a ponto de possibilitar improvisações reguladas. Em outras palavras, tende, ao mesmo tempo, a reproduzir as regularidades inscritas nas condições objetivas e estruturais que presidem a seu princípio gerador, e a permitir ajustamentos e inovações às exigências postas pelas situações concretas que põem à prova sua eficácia [...] O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas (BOURDIEU, 2007, p. 41).

Assim, para Setton, *habitus* se configura como um sistema composto por esquemas individuais, os quais são constituídos socialmente tanto no meio social quanto nas mentes dos indivíduos, e os nomeia como disposições estruturadas e estruturantes, respectivamente, as quais são adquiridas “nas e pelas experiências práticas em condições sociais específicas de existência” (SETTON, 2002, p. 63). ”.

Nesse sentido, a concepção bourdieusiana compreende que esses sistemas e disposições estruturadas e estruturantes são orientadoras do agir cotidiano dos agentes, portanto, “*habitus* surge como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre a realidade exterior e as realidades individuais” (SETTON, 2002, p. 63).

Avançando na compreensão do conceito de *habitus* proposto por Bourdieu e discutido por Setton é errôneo discuti-lo como um “destino”, é preciso, no entanto, compreendê-lo “como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos” (SETTON, 2002, p.61).

Setton (2002, p.63) propõe então, que ao invés de ser considerado como algo homogêneo e plenamente estável, um *habitus* “deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam”.

Diante do exposto e entendendo que os participantes da pesquisa serão, em sua grande maioria, jovens ou jovens adultos, faz-se necessário apresentar a concepção de juventude em que estarão pautadas as análises desta pesquisa.

Atualmente, no campo dos estudos sobre juventude, é consensual a necessidade de compreender esse segmento como plural, daí a opção teórica de se falar em “juventudes”. Como consequência dessa multiplicidade de formas de ser jovem (SPOSITO *et al.*, 2018) é preciso considerar que a adesão dos jovens aos segmentos e denominações religiosas também se dá de forma plural e diversa (SCOTT; CANTARELLI, 2004).

Nesse sentido, em pesquisa recentemente desenvolvida na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), lócus da presente investigação, e na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), realizada por Iriart e Matos (2021), com estudantes de cinco cursos de licenciatura (Pedagogia, Educação Física, Matemática, Ciências Sociais e História) e três cursos de bacharelado (Direito, Cinema e Agronomia), observou-se que a faixa etária dos estudantes caracteriza-se do seguinte modo:

Quanto à faixa etária, 92% estão entre 17 e 24 anos, o que corresponde à faixa jovens-jovens, enquanto 6,7% estão entre 24 e 29 anos, portanto na

faixa jovem-adulto, segundo os marcadores legais da Política Nacional de Juventude. Incluímos 03 casos (1,3%) de estudantes ingressantes entre 31 e 32 anos porque consideramos que suas experiências de ingressante no ensino superior e demais marcadores os aproximam da condição de jovens adultos (IRIART; MATOS, 2021, p. 10).

Como pode-se inferir a partir dos dados acima, uma parte expressiva dos (as) estudantes universitários (as) são jovens, ou seja, sujeitos inseridos em uma determinada etapa da vida, tanto marcada por processos de construção de autonomia material e intelectual, quanto por um contexto sócio-histórico específico de transformação de valores, incluindo os religiosos (SWATOWISKI; SILVA; ALVARENGA, 2018).

A esse respeito, Iriart e Matos (2021, p.2) sinalizam que, ao entrar no ensino superior, o (a) jovem estudante tem seus horizontes alargados, embora os períodos iniciais nesse novo ambiente de aprendizado possam ser difíceis, por estar relacionado à trajetória escolar anterior, às novas experiências acadêmicas e à “fragilidade dos suportes materiais e simbólicos e institucionais”.

Ou seja, é comum os (as) estudantes enfrentarem dificuldades acadêmicas devido a lacunas das etapas de ensino anteriores, além de enfrentarem dificuldades financeiras para se manterem nas instituições públicas.

Sobretudo estudantes das licenciaturas que, na realidade da UEFS, os cursos apresentam grade curricular com aulas no período diurno o que impede que o (a) estudante consiga manter-se empregado. Em contrapartida, tal condição pode promover que o (a) estudante se mantenha imerso no ambiente acadêmico por meio de oferta de bolsas de iniciação de pesquisa, programas de iniciação à docência, bolsas de extensão e permanência universitária.

Ainda sobre a importância dos suportes institucionais ofertados aos estudantes, na pesquisa realizada por Iriart e Matos (2021) pode-se observar que “o relacionamento com colegas, com o espaço-tempo da vida estudantil e com os professores são bons preditores para o desenvolvimento acadêmico/intelectual, já que atuam como suportes socioafetivos” (p. 19).

Nesse sentido, ainda que de forma pouco expressiva, nota-se que os (as) estudantes participantes da pesquisa acima citada recorrem a outras formas de agrupamento para além dos propostos institucionalmente, recorrendo a associação de alunos (as) ligada à prática de esportes, coletivos estudantis, grupos de oração e diretórios acadêmicos.

Como relatado acima, é possível observar que o ingresso na universidade leva o (a) estudante a atravessar mudanças significativas que vão desde às dificuldades impostas à sua

permanência, sobretudo para o (a) estudante das camadas populares, até uma série de rupturas nas condições de sua existência como a passagem para uma vida mais autônoma e a apropriação de novos repertórios de saber (COULON, 2017).

Desse modo, ao ingressar na universidade, que é um espaço diverso, crítico e científico e se deparar com os saberes acadêmicos, o(a) aluno(a) é levado a refletir e reconfigurar uma série de questões relacionadas a várias dimensões da sua existência, sendo que uma delas diz respeito à religiosidade (RIBEIRO, 2009).

A partir daí, o estudante passa a refletir sobre crenças interiorizadas pelo contato com novas teorias e essa reflexão pode ocasionar mudanças em suas trajetórias individuais, bem como a revisão ou reelaboração de referenciais, valores e costumes herdados da família e do meio sociocultural de origem (SWATOWISKI; SILVA; ALVARENGA, 2018).

Assim, a adesão a uma denominação religiosa pode aparecer como relevante na construção de uma identidade juvenil quando pretende “ser diferente”, rompendo muitas vezes com a religião transmitida pelas gerações que o precederam, como uma forma de demarcar a sua liberdade e autonomia sobre os seus desejos e anseios (SCOTT; CANTARELLI, 2004).

Acerca desse rompimento com a religião transmitida pela geração predecessora de jovens na faixa etária dos 15 a 24 anos, Regina Novaes (2004) se debruça sobre três principais fenômenos que ocorrem atualmente no campo religioso brasileiro os quais são a diminuição do número de católicos, a crescente evangélica e o aumento dos “sem religião”, o que, para a autora pouco se tem escrito.

Hoje e ontem há jovens que se definem como “ateus” e “agnósticos”, mas certamente em nenhuma outra época houve tantos jovens se definindo como “sem religião” que poderiam também ser classificados como “religiosos sem religião”, isto é, adeptos de formas não institucionais de espiritualidade que são normalmente classificadas como esotéricas, nova era, holísticas, de ecologia profunda etc (NOVAES, 2004, p. 323).

De acordo com Novaes (2004), é expressivo o quantitativo de jovens católicos que mudam de religião afirmando o seu vínculo com igrejas evangélicas, novas religiões japonesas, ao Budismo e, também, a grupos católicos ligados à Teologia da Libertação ou à Renovação Carismática. Ao mesmo passo, aponta que essas mudanças no cenário religioso juvenil, sinalizam para o fato de que é necessário o devido cuidado no que se refere aos sentidos das palavras e terminologias como “ateu”, “agnóstico” e da expressão “não ter

religião”. Para Novaes (2004), não é possível garantir que os jovens façam uso de uma autoclassificação, pensando em outras inter-relações no interior do campo religioso.

Nesse sentido, Novaes (2004) sinaliza ainda que essas mudanças no cenário religioso brasileiro apontadas nas pesquisas que analisou apontam para o fato de que na atualidade são ofertados para os jovens igrejas e grupos de várias tradições religiosas, sendo possível, portanto, a combinação de elementos de diferentes tradições de espiritualidades, sendo oportunizadas novas possibilidades sincréticas.

No que se refere à participação de uma congregação religiosa por parte dos jovens, observa-se que esse envolvimento pode oferecer importantes suportes e referências em uma fase da vida marcada por desafios existenciais e, processos de construção e/ou revisão identitárias, além de possibilitar a inserção em redes sociais relevantes para as relações afetivas, a sociabilidade, a produção e o consumo cultural e artístico, o trabalho etc.

No caso específico dos processos de construção de valores e atitudes, uma pesquisa realizada por Scott e Cantarelli (2004) em que analisaram a adesão religiosa de jovens em Recife, apontou que a religiosidade, sobretudo a cristã, exerce influência direta sobre as questões de gênero dos sujeitos que delas participam, considerando homens e mulheres como “naturalmente” distintos nas suas dimensões biológica e sociocultural.

A pesquisa aponta ainda que a adesão a uma igreja pode ser uma “experiência que reproduz a divisão hierárquica entre os gêneros, mas com delimitações e controles muito diferenciados, de acordo com a denominação escolhida” (SCOTT; CANTARELLI, 2004, p. 379).

No que diz respeito à religiosidade evangélica, observa-se que as mulheres muitas vezes ainda desempenham um papel secundário de liderança nos ritos e cerimônias da igreja, assumindo funções de cuidar das crianças presentes nos cultos, sendo, portanto, encarregadas de repassar o conhecimento religioso e o ensinamento sobre as músicas de louvor. Aos homens é destinado maior espaço de participação da vida pública e gerência das atividades religiosas.

Para Scott e Cantarelli (2004), há uma espécie de “sacralização das hierarquias de gênero e geração internos ao grupo doméstico, pode-se dizer que a família se reproduz na Igreja, ao mesmo tempo em que a Igreja se reproduz na família”.

Quanto aos católicos, conquanto a centralidade masculina seja quase absoluta na condução dos rituais e nas cúpulas de decisão da instituição, entre fiéis, as relações de gênero

na atualidade são menos normatizadas, uma vez que demonstram uma “liberalidade relativa” proporcionando mais espaços de ruptura.

Como a Igreja atravessa um leque amplo de tendências, desde o conservadorismo exacerbado, refletido nos ditames papais, até as práticas de liberação democrática de comunidades eclesiais de base, ela não oferece nenhum código moral homogêneo para ser seguido. Nesse sentido, os dogmas que reforçam a divisão rígida de gênero têm oportunidades de serem desfeitos na prática cotidiana dessa religião hegemônica brasileira (SCOTT; CANTARELLI, 2004, p.379).

Isso indica que, “a experiência religiosa das sociedades pode ser tanto algo saudável, como destrutiva e equivocada, apontando para o dogmatismo e o fundamentalismo” (RIBEIRO, 2009, p. 251). Dessa forma, quando os jovens se filiam a um grupo religioso, independente da intensidade da adesão às ideias e práticas desse grupo, essa filiação tende a diferenciá-los moralmente, ocasionando uma separação de jovens não pertencentes a tais agrupamentos (SCOTT; CANTARELLI, 2004).

Mas não só isso, a entrada na universidade pode representar para alguns alunos (as), a inserção em um novo mundo, uma nova fase de suas vidas, podendo levá-los a tecer novas reflexões a partir do contato com novas teorias, visões de mundo e experiências de socialização que lhe são apresentadas no meio acadêmico (SWATOWISKI; SILVA; ALVARENGA, 2018).

O ingresso na universidade leva o (a) estudante a atravessar mudanças significativas em diversas dimensões de sua vida, incluindo uma série de rupturas nas condições de existência, passagem para uma vida mais autônoma e com novas formas de apropriação do saber (COULON, 2017).

Desse modo, ao ingressar na universidade, que é um espaço sociocultural marcado pela diversidade, criticidade e pela primazia do conhecimento científico, o (a) aluno (a) é levado (a) a refletir e reconfigurar uma série de saberes e valores que o (a) constituem, como é o caso da religiosidade (RIBEIRO, 2009).

Diante das especificidades que permeiam a religiosidade como as diferentes denominações e estruturas em que as religiões se encontram estruturadas, bem como a diversidade da juventude, partiu-se do pressuposto de que na atualidade o *habitus* do indivíduo “é formulado e construído a partir de referências diferenciadas entre si” (SETTON, 2002, p.66).

Isto é, um *habitus* produto de um processo simultâneo e sucessivo de uma pluralidade de estímulos e referências não homogêneas, não necessariamente coerentes. Uma matriz de esquemas híbridos que tenderia a ser acionada conforme os contextos de produção e realização (SETTON, 2002, p.66).

Compreender a religiosidade de jovens estudantes do curso de Pedagogia da UEFS a partir das contribuições de Setton pode auxiliar no processo de análise das negociações que jovens nordestinos (as), que estudam na maior cidade da Bahia, estabelecem na relação entre as suas religiosidades e suas experiências acadêmicas.

Nesse sentido, Setton (2002, p.66) alerta para o fato de que, é necessário um olhar interseccional em que raça, gênero e classe social é essencial para pensar como está sendo forjado o *habitus* do indivíduo por meio da interação de distintos ambientes.

É possível considerar, pois, a configuração de um mundo objetivo pressionando para que o indivíduo assuma posições, faça suas escolhas. Em um mundo objetivo em que as instituições perdem paulatinamente o poder de ditar normas e condutas, o indivíduo pode viver a experiência de construir reflexivamente parte de seu próprio destino (SETTON, 2002, p. 66 - 67).

Atualmente, pesquisas sobre a religiosidade de jovens universitários apontam para a existência de produções nas áreas de Psicologia, Ciências Sociais e Medicina, embora haja a necessidade de mais pesquisas voltadas para a área de formação inicial de professores e o ensino religioso em sala de aula do Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

1.2 REVISANDO A LITERATURA

Para a realização da revisão de literatura, foram analisados artigos, teses, dissertações e publicações em periódicos, assim como trabalhos publicados nos anais de congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no The Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sobretudo nas áreas voltadas para a Educação, uma vez que, compreender como o fenômeno religioso é expresso pelos agentes do cenário educacional nos auxilia a compreender possíveis preconceitos, estereótipos e proselitismo num espaço que deveria ser laico como prevê a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, em seu artigo 34.

Na revisão de literatura, foram incluídos e analisados os trabalhos que traziam em seu escopo objetivos e categorias de análises relacionados à influência religiosa na vida de estudantes universitários.

O levantamento bibliográfico foi realizado em anais de congressos da ANPED, no SCIELO e na base de dados da CAPES, entre os dias cinco e dez de maio de 2021, escolhendo como descritores os termos *juventude, religião e religiosidade*.

A primeira base de dados analisada foi a dos anais da ANPED. Nos trabalhos apresentados nas reuniões realizadas entre 2011 (34ª reunião) e 2019 (39ª reunião). Como os anais da ANPED não possuem campo de pesquisa para inserirmos descritores ou palavras chaves, a busca se deu a partir da visita aos Grupos de Trabalho (GT 14) de cada uma das reuniões. Após o levantamento dos trabalhos submetidos nos GT, observou-se que apenas o GT apresentou trabalhos que discutiam temáticas relacionadas com o objetivo dessa pesquisa.

A partir da seleção prévia das reuniões ocorridas entre 2011 e 2019, observou-se apenas duas publicações (VALENTE, 2015; KNOBLAUCH, 2015), que se aproximam da discussão acerca da religiosidade de estudantes universitários de cursos de licenciatura, ambas apresentadas na 37ª reunião.

Quadro 1 – Trabalhos publicados nos anais de reuniões nacionais da ANPED e selecionados a partir de análise dos GT 14: sociologia da educação (2011-2019)

Nº	Ano	Autores e Instituições	Título	Nº da Reunião	Pontos destacados
1.	2015	VALENTE, Gabriela Abuhab – FEUSP	A religiosidade na prática docente	37ª	O trabalho tem como objetivo socializar achados de uma pesquisa etnográfica problematizando a presença da religiosidade no interior das instituições escolares. Traz reflexões sobre a laicidade e aponta a possibilidade que os espaços escolares têm de promover reflexões sobre a diversidade religiosa a fim de desvelar preconceitos e/ou intolerância.

2.	2015	KNOBLAUCH, Adriane – UFPR	Religião e formação docente: desafios para uma educação mais tolerante	37 ^a	O trabalho apresenta dados sobre “formação docente, religião e socialização de gênero de um grupo de alunas que cursam pedagogia em uma instituição federal do sul do país.” Aponta um conjunto de disposições híbridas de <i>habitus</i> , ora seculares, ora religiosas, que orientará futuros professores em sala de aula na condução do trabalho com seus alunos e alunas.”
----	------	---------------------------	--	-----------------	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2021).

A análise na base de dados da ANPED (2011-2019) evidencia o quanto ainda precisamos avançar no que diz respeito às produções acadêmicas voltadas para analisar as experiências religiosas de estudantes universitários, sobretudo quando se trata dos impactos e influência dessa religiosidade sobre a formação de professores da educação básica, além de estudos sobre como essa influência religiosa incide sobre a seleção de conteúdos a serem trabalhados no exercício da docência.

Na base de dados da SCIELO, combinando os descritores “juventude *AND* religião *AND* universidade” foram identificados trabalhos que apontam dados sobre a frequência religiosa de estudantes ingressantes na universidade, assim como a participação em comunidades de fé.

Quadro 2 – Trabalhos disponibilizados na The Scientific Electronic Library Online - SciELO e selecionados a partir dos descritores Juventude, Religião e Universidade

Nº	Ano	Autor(a)	Título	Periódico	Descritores
1.	2014	COUTINHO, Raquel Zanatta; MIRANDA-RIBEIRO, Paula.	Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas	1.1.1. Revista Brasileira de Estudos de População - vol.31 no.2. São Paulo July/Dec. 2014.	juventude <i>AND</i> religião <i>AND</i> universidade

2.	2018	GROPPO, Luís Antonio; BORGES, Lívia Furtado.	Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas	1.1.2. Revista Religião e Sociedade - vol.38 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2018.	juventude <i>AND</i> religião <i>AND</i> universidade
3.	2020	SCHELIGA, Eva Lenita. KNOBLAU CH, Adriane. BELLOTTI, Karina Kosicki.	Vínculos religiosos entre estudantes universitários: comparações entre licenciatura e bacharelado	Educar em Revista - vol.36 Curitiba 2020. Epub. Dec. 18, 2020	juventude <i>AND</i> religião <i>AND</i> universidade

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2021).

O trabalho de Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014) realizou uma revisão de literatura em âmbito nacional e internacional acerca “da associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual de adolescentes e jovens e revela as muitas formas utilizadas ao longo dos anos para classificar religião e religiosidade”.

Com relação ao trabalho de Groppo e Borges (2018), os autores investigaram um grupo evangélico⁴ presente numa universidade pública do interior de Minas Gerais e os dados empíricos apontaram para tensões vividas pelos integrantes dos grupos “do ponto de vista da participação política, derivadas da contraposição entre, de um lado, a horizontalidade e certas tendências progressistas vividas no cotidiano do grupo, e por outro, a centralização e as tendências conservadoras das lideranças evangélicas” (GROPPO; BORGES, 2018).

O último trabalho encontrado na busca com os descritores “juventude *AND* religião *AND* universidade” é a publicação mais recente dos três trabalhos encontrados, tendo sido publicado em dezembro de 2020, mostrando-se atual quando discute o aumento da participação religiosa na esfera pública e política do país nos últimos anos, trazendo destaque para a bancada evangélica no congresso nacional.

Segundo Scheliga, Knoblauch e Bellotti (2020), os dados apontaram para “um número expressivo de estudantes sem filiação religiosa específica, os ‘sem religião’”, em consonância com outros estudos relacionados à temática (FLEXOR; RODRIGUES; SILVA, 2020). O trabalho aponta dados sobre a frequência religiosa de estudantes ingressantes na

⁴ Aliança Bíblica Universitária (ABU)

universidade, assim como a participação em comunidades de fé e traça um comparativo entre os estudantes das licenciaturas e do bacharelado da Universidade Federal do Pará.

Foram feitas buscas no catálogo de teses e dissertações da CAPES utilizando quatro combinações de descritores. A princípio, utilizou-se os descritores “juventude *AND* religiosidade *AND* universidade”, resultando em 55 trabalhos, dos quais quatro foram selecionados. Outra combinação utilizada foi “juventude *AND* religiosidade *AND* universitários” tendo sido encontrados 11 resultados dos quais apenas dois foram incluídos neste levantamento.

Quadro 3 – Artigos encontrados no catálogo de teses e dissertações da CAPES

Nº	Ano	Natureza do trabalho	Autores e instituições	Título	Descritores
1.	2003	Dissertação	Silva, Jairo Altda. (UFMT)	Religiosidade e Educação religiosa da juventude: aproximações e distanciamentos em Cuiabá e Baixada Cuiabana	juventude <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> universidade <i>AND</i> continuação
2.	2010	Dissertação	Polidoro, Lurdes Fatima. (PUCSP)	O ensino religioso nas escolas públicas: uma violação da laicidade do Estado?	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior
3.	2013	Dissertação	BERTOLI, Naiana de Freitas. (UENF)	Jovens Evangélicos moradores de favelas: religiosidade e estilo de vida na cidade de Campos dos Goytacazes	juventude <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> universidade
4.	2013	Dissertação	SANTOS, EDILEUSA MOTA DOS. (UFPB)	Olhar fenomenológico sobre a expressividade religiosa cristã na prática pedagógica do ser professor	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior
5.	2014	Dissertação	MONSORES, Luciana Helena. (UERJ)	Religião, Ensino Religioso e cotidianos da escola: discutindo a laicidade na rede pública estadual do Rio de Janeiro	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior
6.	2015	Dissertação	PIEPER, Simone Cristine. (PUCPR)	Experiência religiosa entre as juventudes: um estudo com jovens universitários	juventude <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i>

7.	2015	Dissertação	NATEL, Angela. (PUCPR)	A fonte da juventude. Sobre o perfil sociorreligioso das juventudes universitárias paranaenses	universidade juventude <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> universidade
8.	2016	Dissertação	SANTOS, Thais Serafim Dos. (UNESPAR)	Juventude e representações político-religiosas: projetos de vida dos jovens ingressantes da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)	juventude <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> universitários
9.	2016	Dissertação	TAVARES, Alexandre Camelo. (FACULDADE UNIDA)	O Ensino Religioso na escola: um estudo acerca da formação docente para o Ensino Religioso no município de Vila Velha	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior
					continuação
10.	2017	Dissertação	SILVA, Eunaide Monteiro de Almeida. (UNICAP)	Escolas da rede municipal do Recife: o ensino religioso e os parâmetros curriculares nacionais e religiosidade do(a) professor(a)	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior
11.	2017	Dissertação	PAIXÃO, Gleides Pulcheira. (FACULDADE UNIDA)	A religião na formação social de jovens	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior
12.	2018	Dissertação	RIBEIRO, Iago Rodrigues. (UFC)	Tempos de transformação: a religiosidade em trajetórias de jovens universitários sem religião	juventude <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> universitários
13.	2018	Dissertação	VIANA, Beatriz Pinto. (UFMT)	Representações sociais de religião e religiosidade dos professores de sociologia do ensino médio	religião <i>AND</i> religiosidade <i>AND</i> ensino superior

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2021).

A partir da leitura dos resumos dos trabalhos selecionados foi possível observar que já existe uma discussão nacional acerca da religiosidade dos estudantes universitários, inclusive dos estudantes das licenciaturas. Autores como Polidoro (2010), Santos (2013), Monsorens (2014), Tavares (2016) e Silva (2017) apontam para a necessidade de discutir o caráter laico do estado brasileiro e como se dão os debates e temáticas relacionados à religiosidade dos sujeitos nesses espaços.

Dentre os diversos trabalhos analisados na revisão de literatura é possível observar que alguns deles se propõem a discutir sobre as estratégias que os estudantes das licenciaturas administram a respeito da relação entre o conhecimento científico e o conhecimento religioso em seu processo de formação docente (RICETO, JUNIOR, 2019; KNOBLAUCH, 2015; VALENTE, 2015; SEPULVEDA, EL-HANI, 2004).

Diante dessa revisão de literatura pode-se observar o quanto é importante promover o debate sobre a religiosidade dos estudantes dos cursos de Pedagogia no Brasil, uma vez que se trata de um curso responsável, a priori, pela formação de professoras e professores que atuarão em turmas da educação básica, atendendo crianças da Educação Infantil e crianças e adolescentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No capítulo 1, apresento as perspectivas teóricas e epistemológicas que nortearam o trabalho, bem como apresento a revisão de literatura e principais autores que me auxiliam a delinear o objeto e problema de pesquisa.

No capítulo 2 apresento a metodologia de pesquisa, os instrumentos e percursos que me levaram à produção de dados junto aos colaboradores. O capítulo 3 apresenta uma discussão sobre religião e religiosidade onde busco discutir o conceito de religião à luz dos teóricos clássicos, assim como discuto sobre o campo religioso no Brasil e como se dá a religiosidade da juventude universitária.

O capítulo 4 apresenta os jovens que participaram da pesquisa analisando como sua identidade religiosa se relaciona com outras instâncias da sua vida. A partir daí, no capítulo 5, discuto como se dá o processo de entrada no meio acadêmico e quais rupturas ou reflexões são levantadas por esses jovens a partir desse acesso.

A religião e a laicidade são discutidas no último capítulo em que apresento recentes discussões sobre a temática, as quais nos levam a refletir e compreender como esse fenômeno acontece no Brasil. Por fim apresento as considerações finais possibilidades e desdobramentos para futuros estudos a partir dos achados da pesquisa.

2 METODOLOGIA

De acordo com Creswell (2007, p. 21), é recomendável a um pesquisador que decide realizar um projeto ou plano de pesquisa, que adote uma diretriz epistemológica, sendo esta orientadora de todos os aspectos do estudo, a saber “a avaliação das ideias filosóficas gerais por trás da investigação até a coleta de dados detalhados e procedimentos de análise”.

Então, levando-se em consideração que esta pesquisa busca compreender os diversos as experiências religiosas de estudantes universitários e compreender os níveis de influência da religiosidade na socialização e na construção de conhecimento de jovens universitários, como visto na introdução, considera-se que a análise e discussão dos dados e resultados precisarão de um olhar multidimensional sobre os dados produzidos.

Para isso, optou-se por utilizar estratégias associadas à técnica de métodos mistos utilizando dados quantitativos com outros advindos de entrevistas e grupo focal (dados qualitativos), recorrendo à estratégia que Creswell (2007) nomeia de procedimentos concomitantes.

Esse procedimento é descrito por Creswell (2007, p. 33) como aquele em que:

[...] o investigador coleta as duas formas de dados ao mesmo tempo durante o estudo e depois integra as informações na interpretação dos resultados gerais. Além disso, nesse projeto, o pesquisador acomoda uma forma de dados dentro de um procedimento de coleta de dados maior para analisar diferentes questões ou níveis de unidades em uma organização.

A escolha pela pesquisa de métodos mistos se dá mediante a necessidade de integrar informações mais gerais sobre o *corpus* discente dos (as) estudantes de Pedagogia com outras de cunho individual. Para isso, buscou-se utilizar instrumentos como o questionário e o grupo focal para reunir informações que vão desde a observação de preferências, comportamentos, vivências até dados censitários.

Esses procedimentos se desenvolveram em resposta à necessidade de esclarecer o objetivo de reunir dados quantitativos e qualitativos em um único estudo (ou em um programa de estudo). Com a inclusão de métodos múltiplos de dados e formas múltiplas de análise, a complexidade desses projetos exige procedimentos mais explícitos. Esses procedimentos também foram desenvolvidos, em parte, para atender a necessidade de ajudar os pesquisadores a criar projetos compreensíveis a partir de dados e análises complexas (CRESWELL, 2007, p. 211).

Os dados quantitativos tais como números e indicadores, podem ser analisados por meio da estatística descritiva (frequência, média, mediana, moda, etc.) que tende a revelar informações úteis, confiáveis e de rápido acesso, tendo em vista um número grande de sujeitos do grupo a ser estudado (CRESWELL, 2007).

Já as técnicas qualitativas como entrevistas abertas, grupos focais, entre outros, possibilitam ao pesquisador informações obtidas através da própria fala dos (as) entrevistados (as), oferecendo uma diversidade de perspectivas sobre o tema em estudo a partir das subjetividades imbricadas nos depoimentos dos (as) colaboradores (as) da pesquisa (CRESWELL (2007).

O contexto escolhido para o desenvolvimento do estudo foi o curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS e os participantes foram estudantes matriculados (as) no semestre letivo de 2022.2, que estivessem cursando entre o 1º e 8º semestre, esse quantitativo correspondem aproximadamente a 300 discentes.

A produção de dados se deu em duas etapas, sendo que a primeira correspondeu à elaboração de dados quantitativos e a segunda aos qualitativos. Para a etapa inicial foi aplicado um questionário composto por 27 questões (20 de múltipla escolha e 7 questões fechadas), com o objetivo de traçar o perfil religioso dos (as) estudantes do curso através de suas experiências religiosas, assim como buscou entender como essas experiências interagem e se relacionavam com os conhecimentos científicos adquiridos ao longo do curso (APÊNDICE A).

O instrumento para a primeira etapa foi construído em três tópicos, tendo como inspiração o instrumento utilizado na pesquisa desenvolvida por Ribeiro (2009), a saber:

O questionário se divide em três partes: 20 questões fechadas (dados pessoais; dados acadêmicos; capital cultural; renda familiar; posição política; origem, situação atual e prática religiosa; questões mais importantes; atividades prediletas; grupos de que se participa); 39 frases ponderadas sobre valores e experiência religiosa do sujeito (com valores entre 1 e 6); quatro questões abertas (fato mais marcante na vida e na vivência religiosa; nas religiões, o que mais admira e o que mais crítica) (RIBEIRO, 2009, p. 23).

Contudo, algumas questões do modelo do questionário citado anteriormente foram adaptadas tendo em vista a realidade das/dos estudantes que pretendemos pesquisar, assim, foram acrescentados aspectos relacionados aos conteúdos, saberes científicos e religiosos das/dos estudantes participantes.

O questionário foi construído em três blocos, dados sociodemográficos, religião e experiência religiosa e prática docente e religiosidade. No bloco sobre os *dados sociodemográficos* buscou-se traçar um panorama com os dados mais gerais dos (as) estudantes através de questões sobre o semestre em que estão estudando, idade, cor, gênero, orientação sexual e se estavam trabalhando em espaços escolares.

Com relação ao bloco *religião e experiência religiosa*, o objetivo foi observar fatores relacionados a essas duas categorias de análise a partir de perguntas sobre a crença religiosa que possuem, se são vinculados a alguma religião e quem influenciou na escolha, se já mudaram de religião e qual o motivo para a mudança, além compreender como se dá a participação e o grau de engajamento na experiência religiosa que estão aderidos. Nesse bloco, buscou-se observar o nível de importância da religião na vida dos (das) estudantes, bem como quais são as práticas religiosas que estão acostumados a realizar.

Com relação ao último bloco, *prática docente e religiosidade*, o objetivo era investigar como os (as) estudantes imaginavam que seria sua prática pedagógica em sala de aula e se a sua atuação profissional sofreria influências da religião a que eles (as) estão vinculados (as). Buscou-se saber a opinião dos (as) estudantes sobre algumas situações que podem ocorrer na prática docente, como por exemplo se julgam importante o (a) professor (a) conhecer a religião dos (as) seus (suas) alunos (as) e se a religião dos (as) estudantes exerce influência sobre desempenho escolar.

Na segunda etapa da pesquisa planejou-se realizar dois grupos focais (APÊNDICES B e C) com os (as) estudantes que tivessem interesse em participar dessa etapa da pesquisa. Os grupos focais seriam realizados em uma das salas do prédio do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) que também fica no campus universitário e pretendia-se que fosse composto por no máximo 10 estudantes em cada grupo, sendo desejável que os mesmos estudantes participassem dos dois grupos.

Para a aplicação do questionário, o instrumento foi disponibilizado em formato digital nos grupos de WhatsApp das turmas, assim como foi compartilhado nos e-mails das turmas através da contribuição dos professores do curso. Além disso, para facilitar o acesso dos participantes, foi disponibilizado em alguns períodos de aulas, o QR CODE que direcionava os participantes ao formulário virtual.

Após a realização do questionário e tabulação dos resultados iniciais, com os dados acadêmicos, pessoais e religiosos dos jovens, demos início à segunda etapa da pesquisa, a

qual previa a realização dos grupos focais com o intuito de compreender o que chamamos de *ser religioso e ser pedagógico/científico* e como essas duas instâncias se relacionam.

No que se refere aos critérios de inclusão e exclusão, foram incluídos como participantes da pesquisa todos os estudantes do curso de Pedagogia da UEFS, matriculados desde o primeiro até o oitavo semestre, quantitativo que corresponde a aproximadamente 300 discentes.

Assim, foram considerados os dados de todos os estudantes participantes do estudo independente da sua filiação religiosa. Foram levados em consideração, inclusive, os dados dos participantes que se declararam ateus, agnósticos ou não pertencentes a qualquer denominação religiosa, isso se deu pelo entendimento de que alguns desses participantes possam considerar que declarar-se pertencente a uma religião tenha relação a um vínculo institucional com o sagrado, enquanto religiosidade está relacionada à experiência pessoal e individual de espiritualidade de cada indivíduo (VALENTE, 2015).

Os participantes que se recusaram a participar da pesquisa foram automaticamente excluídos da pesquisa, como previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP).

Como também estava previsto no RCLE, que foi disponibilizado aos participantes, foi facultativa a participação no estudo, bem como os participantes que por qualquer motivo manifestaram o desejo de desistirem da sua participação em qualquer etapa, tiveram seus dados descartados das análises e discussões sem que isso lhes trouxesse qualquer dano ou prejuízo. Isso se confirma tendo em vista que dos 89 estudantes que responderam ao formulário virtual, 30 sinalizaram o interesse em participar das etapas seguintes.

Tendo em vista o compromisso em garantir que a produção de dados só tivesse início após a aprovação pelo CEP, além do consentimento das/dos participantes mediante a assinatura do RCLE (APÊNDICE E) que lhes foi apresentado, só foi possível a ida à campo na última semana de outubro de 2022 em virtude da morosidade da emissão do parecer consubstanciado emitido pelo CEP contendo a aprovação e conseqüente liberação.

Uma vez que a ida à campo só pode ser possível após a liberação do CEP (ANEXO A) e a liberação se deu concomitante com as atividades finais do semestre letivo, considero que algumas etapas da pesquisa foram prejudicadas, uma vez que pretendia-se realizar dois grupos focais em que seriam selecionados de 6 a 10 participantes com perfis religiosos diversos.

Os grupos focais seriam realizados a partir de dois roteiros, um sobre o *ser religioso* buscando investigar a relação entre indivíduo e religião, e outro trataria sobre o *ser*

pedagógico/científico e teria como viés de investigação o indivíduo e a relação da sua religião com a prática docente e a escola.

Infelizmente, como já foi dito, não foi possível realizar os grupos focais como descrito em virtude da indisponibilidade de agenda dos estudantes devido ao acúmulo de atividades de final de semestre. Considero que essa etapa da pesquisa possa ser explorada em pesquisas futuras, pois constitui-se num importante instrumento de produção de dados o qual pode contribuir para desdobramentos acerca do tema.

Os dados quantitativos foram tabulados inicialmente numa planilha do Google Excel para uma melhor visualização dos dados dos participantes e em seguida foram analisados através de gráficos e tabelas gerados pelo Statistical Package for the Social Science (SPSS), o que possibilitou mensurar e analisar estatisticamente as informações categorizadas encontradas a partir do questionário sociodemográfico, sendo possível definir frequências, percentuais e cruzamento entre as variáveis presentes no instrumento.

Em substituição dos grupos focais, foram realizadas entrevistas com os participantes que sinalizaram interesse em participar dessa etapa e que tiveram disponibilidade para a realização. As entrevistas tiveram em média a duração de uma hora e foram gravadas com autorização prévia dos participantes, foram transcritas utilizando a plataforma on-line OTranscribe, seguida de revisão pela autora e organizadas em um quadro no Google Docs. Os dados de identificação dos participantes foram apresentados, garantindo o anonimato dos mesmos, com a utilização de nomes fictícios.

Com relação aos dados das entrevistas, estes foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE D) que foram realizadas de forma virtual através do Google Meet entre novembro de 2022 e janeiro de 2023. Tais dados foram analisados a partir de temas geradores, a saber:

- Religiosidade: religiosidade e família, influência da família, religiosidade e escola;
- Religiosidade e universidade: campo religioso (como percebem a religião e religiosidade dentro da academia);
- Identidade religiosa: influência sobre a vida, identidade religiosa pessoal, como lidam com religiões diferentes das suas;
- Religião e vida acadêmica: como observam a diversidade religiosa na academia e no curso de Pedagogia, alteridade (como veem e como consideram que a sua religião é vista), se vivenciam ou já vivenciaram situações de conflitos, nas disciplinas / ementas do curso com relação à religião e religiosidade, como consideram a abordagem dos

docentes com relação à temática, e como avaliam a participação dos discentes nessas discussões;

- Perspectivas como educadores: como avaliam a discussão sobre religião e religiosidade na escola, como lidam ou pretendem lidar com conflitos referentes à temática quando estiverem exercendo a docência.

Para analisar os dados produzidos, apoiei-me nas discussões de Maingueneau (2007) a partir da análise do discurso, entendendo que é preciso levar em consideração o lugar social, o posicionamento em um campo discursivo político, religioso. Pensando os lugares “independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso” (p.19).

Para Maingueneau (2007), a análise do discurso não pode ser restrita a apenas à área da linguística, mas que pode ser utilizada por outras áreas do conhecimento, uma vez que o “seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico” (p. 19).

No capítulo 4, Conhecendo os (as) jovens e suas religiões, será apresentado o perfil dos jovens participantes da pesquisa bem como os dados referentes à sua religiosidade.

3 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

“Posso garantir, com toda decisão, que a negação da fé carece de toda base científica. A meu ver, jamais se encontrará uma verdadeira contradição entre a fé e a ciência” Millikan (1868- 1953).

O desejo em aprofundar os meus estudos acerca da religiosidade de jovens estudantes, em específico, a religiosidade de estudantes do curso de Pedagogia partiu de uma necessidade pessoal, quando me vi desafiada a compreender a minha própria experiência religiosa enquanto pedagoga e professora da educação básica da rede pública de Feira de Santana.

Inquietações que surgiam a partir do diálogo com outras professoras e professores colegas de profissão, os quais sinalizavam posturas conservadoras de docentes que eram adeptos a determinadas religiões, principalmente às cristãs. Era comum em reuniões de formação promovidas pela Secretaria de Educação do município, em rodas de conversas informais com as colegas de escola ou até mesmo durante a formação continuada em exercício promovida pela unidade

Além disso, à medida que fui aprofundando os meus estudos sobre racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), intolerância religiosa (NOGUEIRA, 2020) e descolonialidade (BALLESTRIM, 2013; MARTINS E BENZAQUEN, 2017), que evidenciaram o quanto a religião e a religiosidade engendradas sob uma perspectiva hegemônica atuam como fonte de racismo, intolerância e violência na sociedade o desejo por compreender como o fenômeno religioso atua sobre as opiniões e ações dos futuros professores e professoras que atuarão na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental foi ganhando ainda mais força e intensidade e motivaram a entrada no Programa de Pós-Graduação da UEFS.

Com base nisso, este capítulo está estruturado de forma a discutir os conceitos de religião e de religiosidade, assim como busca delimitar a constituição do campo religioso no Brasil. Além disso, discutirá sobre como se dá a religiosidade juvenil, faixa etária que compõe grande parte do corpo estudantil das universidades, inclusive a Instituição de Ensino Superior (IES) lócus do estudo, como pode ser observado na **Tabela 1** (p. 52) que apresenta a faixa etária dos colaboradores da pesquisa.

Desse modo, para compreender as experiências religiosas de jovens estudantes do curso de Pedagogia localizado em uma universidade pública no interior da Bahia, proponho a descolonização do olhar e entendimento sobre a religião e religiosidade vivenciada por esses

sujeitos, uma vez que “descolonizar é colocar-se contra as diferentes formas de dominação que existiram e existem e que nos impõem uma lógica de pensar. Descolonizar é construir lógicas diferentes” (MARTINS; BENZAQUEN, 2017, p. 15-16).

Apesar de pontuar e acenar para uma leitura descolonial da religião e religiosidade no Brasil, não tenho a pretensão de aprofundar as discussões sobre o conceito de descolonialidade desenvolvido originalmente por Aníbal Quijano, em que constata que as relações coloniais não se findaram com o fim do colonialismo, mas se mantém com outras formas de dominação colonial movidas pelo que ele define de sistema-mundo capitalista moderno/colonial (BALLESTRIN, 2013).

3.1 CONCEITUANDO RELIGIÃO

Para compreender o conceito de religião, é inevitável a visita aos sociólogos clássicos. Para Durkheim, a religião compõe o ser social do indivíduo e se configura como uma ação eminentemente coletiva, de modo que “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja por todos aqueles que a aderem” (DURKHEIM, 1996, p. 32).

Essa definição do que seja religião nos leva a pensar que os indivíduos pertencentes a determinadas instituições concordam, acreditam e disseminam os dogmas, as crenças e os rituais dela para os seus filhos, constituindo um sistema de coerção com efeitos estruturantes sobre os indivíduos (DURKHEIM, 1996).

Em contrapartida, Weber não apresenta uma definição objetiva do que é a religião, “uma definição daquilo que ‘é’ religião é impossível no início de uma consideração como a que segue, e, quando muito, poderia ser dada no seu final”. O autor se dedica a tratar não sobre a essência ou conceito de religião, antes sobre a ação religiosa, uma vez que a ação religiosa ou magicamente motivada é, [...] “em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência” (WEBER, 2004, p. 279).

A esse respeito é comum ouvirmos exemplificações sobre a religião, apontando aspectos positivos e negativos, mas sem uma precisa definição do conceito de religião, como podemos observar nas contribuições de Vitória e Maria, que concederam entrevistas para a pesquisa:

Em muitos casos a gente percebe que a religião pode sim ensinar as boas doutrinas, amor, compaixão, amizade etc. (Vitória, sem religião, 8º semestre).

Pra mim, a questão da religião é uma questão de fé e está relacionado ao meu espiritual (Maria, católica, 7º semestre).

Já Marx (2014) entende haver uma ação voluntária de não racionalidade sobre a ação religiosa, assumindo uma abordagem ainda mais crítica sobre a religião, buscando “desmascará-la” acerca dos seus reais interesses, demonstrando que “a religião é o suspiro da criatura oprimida”, “o ópio do povo” (p.145). De modo que:

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o auto sentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido*. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d'honneur* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião (MARX, 2014, p. 145).

Interessante que, para Pieper (2019), a partir do exposto nos escritos de Marx, o sujeito religioso é incapaz de perceber o que de fato está por detrás do discurso religioso por não estar localizado num lugar "hermenêutico crítico". A colaboradora Vitória (sem religião) traz algumas exemplificações das manifestações de religiosidade na contemporaneidade que ilustram o que estes dois autores apontam:

Dependendo dos líderes e da forma que a mensagem for passada para os fiéis, pode ser que transmita algo que a gente sabe que vai manipular uma pessoa, como por exemplo o fato da vacinação. Alguns líderes religiosos falam que não era pra os fiéis tomarem a vacina que ia ter isso e aquilo. É uma questão também que a religião acaba ferindo até o seu direito, né? Eu acredito que deveria existir uma separação daquilo é da sua vida pessoal e daquilo que é pra religião (Vitória, sem religião, 8º semestre).

Assim, Pieper (2019) aponta que, no pensamento marxista uma vez que os conflitos e dificuldades das condições da vida em sociedade - quais são os conflitos? - que dão origem à

religião são sanados seja por melhorias dos meios de sobrevivência ou por ter alcançado uma autoconsciência citada por Marx, a tendência é que ela, a religião, também desapareça. Pois, sem uma sociedade embasada numa estrutura desigual, a religião perderia sua função e tenderia a desaparecer. Para Marx, não se trata de combater a religião, mas de atacar os elementos que criam as condições para que o ser humano sinta necessidade da religião” (PIEPER, 2019, p.16).

Nesse sentido, ao analisarmos os dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), observando o cruzamento dos indicadores rendimento e religião notamos que há uma maior adesão a filiações religiosas pessoas com rendimento de até 1/8 de salário-mínimo, já entre as pessoas com rendimento maior que 10 salários-mínimos essa adesão apresenta-se com menor frequência, como pode ser observado na tabela abaixo:

Quadro 4: Religião e Rendimento - População Brasileira

Religiões	Até 1/8 de salário-mínimo	Mais de 10 salários-mínimos
Sem Religião	555.107	266.473
Católica	5.215.878	1.784.723
Espírita	15.165	227.361
Evangélica	1.104.688	264.167
Umbanda e Candomblé	9.163	11.342
Outras Religiosidades	113.740	107.572

Fonte: IBGE (2010)⁵

Avançando na definição de religião, Pieper (2019) resgata alguns termos comumente difundidos nos debates sobre o conceito e sinaliza que a noção de religião se trata de um conceito moderno.

Especialmente na modernidade, a tese de que o termo deriva de *religare* ganhou mais prestígio. Esta interpretação etimológica foi estimulada por autores cristãos, em especial Lactância (240-320) e Agostinho (354-430), que atribuíram interpretação teológica a ela, entendendo-a como religião. No caso do cristianismo, religião entre Deus e o ser humano afastados por causa do pecado (AGOSTINHO, 1987, LV, 113). Por outro lado, há a proposta de que a palavra teria emergido do texto *De natura deorum*, escrito

⁵ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>, acesso em julho de 2023.

por Cícero, identificada com *relegere*, isto é, reler, de modo que seu sentido se aproxima de escrupuloso, referindo-se àquele que cumpre os deveres de cultos aos deuses. Esta diferença etimológica aponta para distinção de ênfase. Enquanto o primeiro sentido centra-se no vínculo entre seres humanos e a divindade, o segundo sentido enfatiza elementos éticos, apontando para a inserção social da religião. Com isso, não se quer dizer que na origem mais aceita não se mencione aspectos éticos e que neste segundo não se trate da relação com a divindade. Há diferença apenas de ênfase (PIEPER, 2019, p. 10).

Seguindo os mesmos passos de Bourdieu em seu livro *A economia das trocas simbólicas*, no capítulo *Gênese e estrutura do Campo religioso* (2007) em que o autor discorre sobre as principais teorias da religião apresentadas por Marx, Weber e Durkheim, busquei realizar um exercício similar sistematizando o que o próprio Bourdieu define como campo religioso.

3.2 CAMPO RELIGIOSO NO BRASIL

Para discutir a religiosidade, Bourdieu nos apresenta o conceito de campo religioso. Para ele, o campo religioso trata-se de um campo de forças em que um grupo de agentes com papéis bem definidos atuam dentro de um campo de disputas.

Tomemos, por exemplo, sua concepção do campo religioso em termos de um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (os grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais (MICELLI, in BOURDIEU, 2007, p. 25).

Nesse sentido, ao apresentar o conceito de campo religiosos, Bourdieu nos convida a refletir na religião também como língua, uma vez que atua tanto como instrumento de comunicação e como instrumento de conhecimento, ora estruturante ora estruturado.

Em outras palavras, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação de percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2007, p. 33-34).

De forma a exemplificar essa concepção de Bourdieu sobre religião como linguagem e como princípio de estruturação de percepção, recortamos uma fala trazida pela colaboradora

da pesquisa Imani (sem religião), que ao falar da influência da religião na vida das pessoas e de sua presença nos veículos midiáticos aponta que:

As religiões, as igrejas, eu não quero. Eu não gosto de falar 'a religião'. Porque assim, parece que eu tô demonizando a religião e não é isso. São as igrejas, são as pessoas. As pessoas usam da fé do outro ou do sofrimento do outro pra ganhar. A mídia religiosa, esses canais que trabalham, tipo Record por exemplo, tem um bocado de canal. Então eu acho que eles usam muito disso, a mídia a favor deles. (Imani, dessemestralizada, sem religião).

Pode-se observar a tentativa de Imani em não associar a prática religiosa ou a opção religiosa a algo que seja negativo, mas atribui aos integrantes de determinadas religiões a responsabilidade por atitudes de manipulação dos fiéis que a frequentam. Ou seja, para ela, não é o fato de estar vinculado a uma religião em si a problemática, mas o de os fiéis serem manipulados.

Nesse campo de forças a religião exerce o que Bourdieu nomeia de função ideológica, atuando de forma a garantir que ocorra a “função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p. 46).

A respeito da função ideológica da religião, analisaremos o que Maria (7º semestre, católica) aponta sobre os dogmas e influência ideológica que as igrejas adotam com relação a diversos temas:

Muitos [ensinamentos] eu questiono. Não é tudo que a igreja fala, tipo a questão da condenação da igreja contra o aborto e isso vai contra o que a igreja fala. Eu sou a favor do casamento homoafetivo, da defesa nas questões homossexuais, da questão da transfobia, homofobia, eu sou contra isso. A gente sabe que o discurso que a igreja, enquanto instituição, prega é um discurso que acaba legitimando muitas dessas discriminações, desses preconceitos em torno dessas pessoas e eu não concordo com isso e eu não defendo isso, porque isso parte de uma concepção política-ideológica minha. Sei que isso que a igreja fala não vai de acordo com o que eu acredito para a sociedade (Maria, 7º semestre, católica).

Maria faz uma série de denúncias sobre posturas discriminatórias que as igrejas adotam sobretudo sobre grupos historicamente marginalizados como a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Interssexuais, Assexuais e Pansexuais (LGBTQIAP+) e conquistas como o casamento homoafetivo, também contra descriminalização do aborto e coloca-se como contrária a tais práticas adotadas por essas

instituições, mesmo sendo católica. Vejamos a seguir como ela define a sua prática religiosa e da sua família:

Minha família, majoritariamente, todos do meu convívio são da religião católica, tanto por parte de pai quanto de mãe. E são da religião católica desde que eu me entendo por gente. Só sei que a religião praticante da minha família é a religião católica. Das pessoas que convivem comigo, né? que tem essa aproximação toda são católicos praticantes (Maria, 7º semestre, católica).

A fim de tentar compreender como se configura esse aspecto de se considerar católica praticante, foi questionado à colaboradora o que esse termo efetivamente significava para ela.

[...] Muita gente que fala: ah, não tenho religião nenhuma, mas todo mundo fala que é católico. Tipo assim, isso é uma coisa do senso comum que a gente discute bastante (Maria, 7º semestre, católica).

No recorte acima podemos observar que Maria aponta que algumas pessoas que não se identificam com nenhuma religião acabam declarando serem católicas sem de fato praticarem e/ou frequentarem os rituais da igreja. Ainda segundo ela, muitas dessas não “vivem a fé da igreja, a prática da igreja, de frequentar a igreja, de entender os dogmas da igreja, de entender o que a igreja fala”.

A respeito desses dogmas, Maria aponta que a vinculação a uma igreja não está relacionada apenas a uma questão de fé, mas relaciona-se também com uma orientação de vida dos passos que os fiéis devem seguir.

[...] A gente sabe que a religião acaba não sendo só nos aspectos de fé, de espiritual, também tá ligado a uma instituição que é a igreja e essa igreja ela dita os dogmas, as práticas que a gente deve seguir (Maria, 7º semestre, católica).

No entanto, de maneira frequente em suas falas, Maria sinaliza que mesmo sendo uma católica praticante, que frequenta com assiduidade as atividades da igreja, que sua prática religiosa se dá de forma consciente e reflexiva, ponderando pode haver distanciamento entre o que a igreja preconiza por meio dos seus dogmas e doutrinas e suas convicções e percepções de mundo.

Cabe a gente como pessoas praticantes, conscientes; pessoas que tem essa criticidade entender que o que ela tá falando ali é uma instituição. Então a gente, dentro do nosso entendimento, dentro do que a gente acredita é que a gente vai saber seguir ou não. E aí eu

falo que eu sou católica praticante nesse sentido, porque eu não sou católica de falar. "Ah, eu sou católica, porque não tenho nenhuma religião e falo que sou católica. " Mas eu sou uma católica que frequento a igreja católica, eu frequento as missas, eu frequento os eventos da igreja, participo dos períodos, né? (Maria, 7º semestre, católica).

Por meio das contribuições de Maria e Imani, podemos observar de fato o constante conflito existente nesse campo e forças em que a religião pode empregar a seus fiéis, conflitos que dizem respeito às suas convicções ideológicas que muitas vezes divergem dos dogmas e ensinamentos transmitidos em determinadas religiões.

A partir de uma leitura descolonial da colonização que ocorreu em nosso país, as contribuições de María Lugones (2014) sobre o processo de colonização dos povos originários apontam o papel estratégico da religião cristã nos processos de dominação, afirmando que:

A missão civilizatória, incluindo a conversão ao cristianismo, estava presente na concepção ideológica de conquista e colonização. Julgar os/as colonizados/as por suas deficiências do ponto de vista da missão civilizatória justificava enormes crueldades [...]. A "missão civilizatória" colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (por exemplo, alimentando cachorros com pessoas vivas e fazendo algibeiras e chapéus das vaginas de mulheres indígenas brutalmente assassinadas) (LUGONES, 2014, p. 938).

A hegemonia católica passou por transformações lentas a partir da chegada de missionários europeus e norte-americanos ainda no século XIX e com os movimentos migratórios pré e pós primeira e segunda Guerra Mundial, que inserem as religiões protestantes históricas e pentecostais no Brasil (NOGUEIRA, 2020; LUGONES, 2014).

Nota-se então que, desde a chegada dos europeus em território indígena, a religião, assim como outros fenômenos da vida social dos povos que aqui viviam, foram alvo de processos violentos de colonização dos europeus cristãos que em nome de uma missão civilizatória, provocando uma série de rupturas, apagamentos e diversas violências sobre a cosmovisão desses povos, como também é exposto por Lugones em que:

[...] à medida que o cristianismo tornou-se o instrumento mais poderoso da missão de transformação, a normatividade que conectava gênero e civilização concentrou-se no apagamento das práticas comunitárias ecológicas, saberes de cultivo, de tecelagem, do cosmos, e não somente na mudança e no controle de práticas reprodutivas e sexuais (LUGONES, 2014, p. 938).

A esse respeito, a colaboradora Maria traz essa reflexão sobre a influência da colonização por parte dos europeus cristãos como um mecanismo preponderante para a disseminação do cristianismo entre os povos originários da América do Sul:

Eu vejo a religiosidade no Brasil uma presença muito forte cristã. Como cristã eu entendo aquelas religiões do cristianismo, aquelas religiões que têm a crença em Jesus Cristo, que acredita na existência de Jesus Cristo. Eu acredito que isso seja justamente por conta do aspecto colonizador do Brasil e que as religiões não cristãs, principalmente de matriz africana, indígena são violentadas, sofrem muito preconceito, discriminação e violência (Maria, católica, 7º semestre).

Conclui-se então que, no Brasil, o cristianismo foi instrumento central na conformação das suas relações políticas, sociais e culturais. A expansão da Igreja Católica foi acompanhada de processos de subjugação e destruição de matrizes religiosas nativas e daquelas oriundas dos povos escravizados vindos da África (NOGUEIRA, 2020; LUGONES, 2014).

Contribuindo com esse aspecto histórico do Brasil, Madalena (semestre, religião) apresenta algumas reflexões interessantes para refletirmos sobre esse processo de subjugação e destruição de matrizes religiosas de origem africana ou indígena.

A colaboradora faz referência ao artigo 5º inciso VI da Constituição Federal (1988) que assegura que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. Segundo Madalena, para algumas religiões esse direito não é plenamente assegurado:

A gente tem essa liberdade de culto, então é permitido toda e qualquer religião, porém, sempre tem algumas que são alvo de alguns preconceitos e até de violência. Somos livres, na verdade, mas de certa forma, dependendo da religião da pessoa é perigoso (Madalena, protestante, 3º semestre).

Ao explicar a quais perigos uma pessoa está submetida, a depender da religião a que pertença, Madalena busca explicar quais seriam esses riscos, perigos ela os classificando-os em dois grupos:

O [perigo] físico mesmo, principalmente das pessoas de religiões de matrizes africanas que a gente consegue ver a intolerância mesmo, física mesmo das pessoas irem agredir fisicamente essas pessoas e

talvez intelectualmente, no campo das ideias a religião cristãs, por conta de algumas ideias que não batem com as ideias de algumas pessoas. Por exemplo, temas sobre aborto, temas sobre homossexualidade, atualmente temas sobre política também, é isso (Madalena, protestante, 3º semestre).

O exposto acima evidencia o que Nogueira (2020) aponta e denomina de intolerância religiosa. Segundo ele, a intolerância religiosa não é algo recente seja na história mundial, seja na história do Brasil. No entanto, observa-se que as formas como essa intolerância se manifestam são modificadas de acordo com a organização econômica, social, política e cultural de determinada sociedade.

Em 2020, o antropólogo Juliano Spyer publicou o livro *Povo de Deus* em que se propõe a discutir as configurações históricas e atuais dos principais estudos sobre do cristianismo evangélico no Brasil. O autor não se limita apenas a falar dos evangélicos, mas discute e aponta fatores que impulsionam o movimento que nomeia de trânsito religioso.

De acordo com Spyer (2020), o Brasil ainda é o país com mais católicos no mundo, contudo, o Censo do IBGE de 2010 já apontava para uma queda do catolicismo desde a década de 1970.

O catolicismo representava 91,8% da população nessa época e caiu para 64,4% em 2010. No mesmo período, o número de protestantes subiu de 5,2% para representar quase um quarto dos brasileiros em 2010.

Com base nos dados obtidos no último censo, Spyer (2020) alerta para o fato de que "analistas projetam que até 2022 o número de católicos ficará abaixo de 50% da população e que o número de evangélicos ultrapassará o de católicos até 2032" (SPYER, 2020, p. 73).

Atualmente o cenário ainda aponta para um terreno complexo e cheio de tensões como observamos nos dados obtidos pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos⁶, órgão criado durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022). De acordo com os dados⁷, em 2021, a Bahia foi o 4º estado com maior registro de protocolo de denúncias no que se refere a liberdade de religião ou crença com um total de 584 denúncias e 685 violações no que se refere a liberdade de religião ou crença, dados um pouco acima dos obtidos em 2020 em que o estado recebeu 566 denúncias e 593 violações.

⁶ O site do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos não apresenta dados anteriores a 2020, tendo em vista a sua reformulação no ano de 2019.

⁷ Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados>>, acesso em maio de 2022.

Vale ressaltar que, em virtude do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos ser uma pasta conduzida, à época (2019-2022), por uma ministra ligada a uma ideologia que tinha como principais lemas “Deus, pátria e família” e “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (Figura 1) e com um representante de estado que apresentava falas preconceituosas, machistas, homofóbicas e que atacava práticas religiosas divergentes das defendidas por seu grupo político, os dados apresentados aqui, retirados do site do ministério, configuram-se apenas como algum dado a ser observado, mas que precisaria de maior análise e investigação acerca da sua confiabilidade, justamente por tudo o que o governo que o conduzia representava enquanto estava na liderança do país.

Figura 1: Principais lemas do governo Bolsonaro.⁸



Fonte: Retirado do instagram oficial do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2022)

Feito esse destaque, a que se levar em consideração que o “Brasil não nasceu [e não é] como uma democracia religiosa” e a falta histórica dessa democracia resulta justamente na intolerância religiosa em que há a estigmatização “para fazer oposição entre o que é normal,

⁸ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CcrNOonLsqj/>>, acesso em outubro de 2023.

regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio” (NOGUEIRA, 2020, p. 19).

Para o autor, desde a colonização do nosso país vivenciamos uma falsa ideia de laicidade originada com os colonialismos, visto que “desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores” (NOGUEIRA, 2020, p. 20). Desse modo,

Pode-se afirmar que os jesuítas se tornaram uma poderosa e eficiente congregação religiosa, em parte em função de seus princípios fundamentais, que buscavam a perfeição humana por intermédio da palavra de Deus e da vontade dos homens que estavam no poder; a obediência absoluta e sem limites aos superiores; a disciplina severa e rígida; a hierarquia baseada na estrutura militar; e a valorização da aptidão pessoal de seus membros. Somente a palavra de Deus poderia levar o homem à perfeição – uma perfeição determinada pelo domínio dos jesuítas a serviço do rei, da lei e da fé (NOGUEIRA, 2020, p. 20).

O autor segue apontando e denunciando que o ato de “tolerar o diferente” se assemelha ao mito da democracia racial em que na prática as violências seguem acontecendo e sinaliza que a incitação à intolerância religiosa ganha força institucional em nosso país, uma vez que:

A incitação à intolerância, sobretudo em relação às religiões de matrizes africanas, parte de discursos proferidos por pastores, padres e até autoridades políticas. Tudo em nome de uma agenda moral transformada em uma crença que se resume ao desejo de se encontrar uma solução rápida e mítica – no mau sentido da palavra – para os problemas de segurança pública, em busca de uma educação de qualidade, da manutenção de valores da suposta família tradicional e de uma política anticorrupção. Se a agenda moral é apenas uma ilusão que serve a um proselitismo eleitoral, a violência simbólica é real e segue fazendo suas vítimas (NOGUEIRA, 2020, p. 35).

A partir da ideia de que a intolerância conduz ao apagamento dos não tolerados, e tendo em vista que “ninguém ficaria confortável na posição de suportado, embora não aceito ou respeitado” Nogueira (2020, p.43) faz constatações e lança mão de um questionamento que acena e, de algum modo, dialoga com um dos objetivos traçados para esta pesquisa:

Em uma sociedade em que todos nascem brancos, heteronormativos e cristãos – porque quem não for cristão é pejorativamente pagão –, são quase naturais a negação e o apagamento da crença seguida quando esta não é motivo de orgulho. Se estamos diante de uma cristãocracia fortalecida pelo presidente eleito em 2018 e pelo loteamento de ministérios, secretarias e setores públicos cuja única credencial exigida é pertencer a uma igreja

evangélica, quem se sentirá à vontade para se identificar como pertencente a uma tradição preta? (NOGUEIRA, 2020, p. 43).

Uma vez que um dos objetivos dessa pesquisa é *entender como as experiências religiosas de estudantes interagem com os conhecimentos científicos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia*, configura-se um importante ponto de partida para compreender como futuros pedagogos e pedagogas, que possuem uma religião, selecionarão e conduzirão a sua prática pedagógica de forma a respeitar e a religião dos seus estudantes.

4 CONHECENDO OS (AS) JOVENS E SUAS RELIGIÕES

“Todo aquele que está seriamente comprometido com o cultivo da ciência chega a convencer-se de que, em todas as leis do universo, está manifesto um espírito infinitamente superior ao homem e diante do qual nós, com nossos poderes, devemos nos sentir humildes”
Albert Einstein (1879- 1955)

Como sinalizado, a pesquisa foi desenvolvida mediante a colaboração de discentes matriculados no curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS, que estavam cursando entre o 1º e 8º semestre ou mesmo estudantes dessemestralizados.

A seguir, iniciaremos com a análise de alguns dados levantados através do questionário (formulário virtual no GoogleForms) e na sequência serão apresentadas e discutidas as informações qualitativas levantadas durante as entrevistas semiestruturadas. Busca-se traçar tanto os perfis sociodemográficos do conjunto geral dos (as) participantes quanto os retratos biográficos de quem concedeu entrevistas, buscando relacionar nas duas fases de análise os dados ao referencial teórico que fundamenta este estudo.

Optamos, ao longo das análises e discussões dos dados, por chamar de colaboradores e/ou participantes da pesquisa os discentes do curso de Pedagogia que se dispuseram a contribuir para este estudo. Em determinados momentos, como serão analisados dados referentes à futura atuação docente dos colaboradores, optamos por utilizar o termo estudantes quando nos referirmos aos discentes da educação básica.

A partir da aplicação e divulgação da pesquisa nas salas de aula do curso, no período de outubro de 2022 a abril de 2023, assim como veiculação pelas redes sociais e em grupos de WhatsApp, de aproximadamente 300 discentes matriculados (semestralizados ou não) no curso, 89 contribuíram respondendo ao formulário virtual.

Como sinalizado no capítulo metodológico, acredito que um dos fatores que pode ter favorecido para uma menor participação dos estudantes está relacionado à autorização para realização do estudo tardia por parte do CEP, coincidindo com o final do semestre, fato que foi externado por muitos estudantes como impeditivo de participar, uma vez que tinham dificuldade de reservar alguns minutos para responderem ao formulário, em virtude do acúmulo de suas tarefas no período da abordagem.

Decidi dar seguimento às etapas seguintes da pesquisa, prosseguindo para a análise de dados com as respostas obtidas, entendendo que esse quantitativo, 26,17%, não representa o todo do curso, uma vez que é um recorte de uma realidade bem maior, mas dá indícios acerca dos sujeitos e do objeto analisado.

Diante dos dados coletados via formulários, 30 discentes se disponibilizaram a participar da segunda fase da pesquisa. No entanto, devido à incompatibilidade de agendas, do total que se ofereceram a participar das entrevistas, só foi possível realizá-la, de forma remota, com dez voluntários.

Dos dez voluntários, só foi possível estabelecer um contato e efetivamente realizar a pesquisa com apenas oito participantes, os quais foram convidados (as) a escolherem nomes fictícios para que pudessem ser identificados na pesquisa, garantindo o sigilo. Foi solicitado que indicassem nomes que tivessem relação com a sua identificação religiosa ou que tivesse relação com alguma representação que fosse importante para eles.

No quadro abaixo estão descritos o perfil dos participantes que participaram das entrevistas:

Quadro 5: Perfil dos participantes das entrevistas

	Imani	Sara	Vitória	Maria	Marielle	Madalena	Deusa	João
Idade	32	22	22	20	25	20	23	25
Semestre	Dessemestralizada	3º	8º	7º	7º	3º	4º	8º
Religião	Sem Religião	Católica	Sem Religião	Católica	Agnóstico	Protestante	Sem Religião	Protestante
Gênero	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Bissexual	Heterossexual	Heterossexual	Bissexual
Raça/Cor	Preta	Parda	Preta	Preta	Preta	Parda	Branca	Parda
Domicílio	Salvador	Feira de Santana	Conceição da Feira	Feira de Santana	Gavião	Feira de Santana	Feira de Santana	Feira de Santana

Fonte: Dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

As respostas dos formulários nos forneceram inúmeros dados de pesquisa, contudo, diante da escassez de tempo para análise, fiz a escolha de discutir apenas as questões e problemáticas mais diretamente ligadas à investigação. No entanto, em desdobramentos futuros esses dados darão subsídios para a análise de diversos outros fatores que dizem respeito aos discentes do curso de Pedagogia da UEFS e não apenas aos aspectos relacionados à religião e religiosidade.

Dentre os colaboradores da pesquisa, observamos que há a participação de discentes matriculados em todos os semestres do curso, além de quatro dessemestralizados. O semestre que apresentou maior participação foi o 2º semestre com 22 colaboradores, seguido pelo 7º semestre com 14 participantes.

Esses dados são importantes de serem analisados uma vez que dentro do currículo do curso é possível notar que há disciplinas que indicam possíveis abordagens acerca do tema religiosidade e religião e que podem nos dar indicativos acerca de com quais temáticas já tiveram contato ao longo do curso, sem descartar, contudo, que esse contato tenha acontecido para além do espaço acadêmico, como foi possível constatar durante as entrevistas realizadas.

Com relação à faixa etária dos colaboradores, a tabela abaixo aponta que a maioria dos 89 estudantes (84,2%) se encontra na faixa etária entre os 17 a 25 anos de idade, estando, portanto, na faixa etária jovem-jovem. Já o número de jovens-adultos não tem tanta expressividade ficando em torno de 14 discentes (15,8%).

Tabela 1 - Perfil etário dos (as) participantes (n = 89)

Idade	Frequência	Porcentagem
17	1	1,1
18	2	2,2
19	10	11,3
20	10	11,3
21	14	15,7
22	15	16,8
23	16	17,9
24	3	3,4

25	4	4,5
26	2	2,2
29	3	3,4
31	2	2,2
continuação		
32	3	3,4
33	1	1,1
34	2	2,2
37	1	1,1
Total	89	100,0

Fonte: Dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo.

No que diz respeito ao gênero dos colaboradores da pesquisa, é possível observar que o perfil deles segue o padrão nacional como apontado por Lordêlo e Rosa, (2007) e Gatti *et al.*, (2019) ao evidenciarem que os cursos de Pedagogia, de modo geral são compostos majoritariamente por discentes do gênero feminino, embora a proporção na UEFS, seja inferior aos dados gerais no Brasil. No curso de Pedagogia da UEFS, observamos que 76 (85,4%) são do gênero feminino, 12 (13,5%) do masculino e 1 (1,1%) identificado como não-binário.

A maior proporção de mulheres, corrobora com os dados discutidos por Gatti *et al.* (2019) em que apontam que a presença predominante de mulheres nos cursos de Licenciatura em Pedagogia alinha-se à história da trajetória escolar das mulheres ao longo dos anos, somado ao fato de que esses cursos na atualidade apresentam relativa semelhança aos antigos cursos normais, os quais eram “uma das mais importantes, senão a principal porta de acesso ao ensino superior das mulheres mais pobres e, em proporções significativas, menos brancas, que estão acedendo a esse nível de escolaridade” (GATTI, et al. 2019, p. 161).

Observa-se ainda que esse dado não contradiz o que é apontado pelo Censo da Educação Superior de 2021, em que mostra que o perfil típico dos discentes da graduação tanto presencial quanto à distância são formados majoritariamente por pessoas do gênero feminino.

Nesse sentido, a presença acentuada de mulheres em cursos de menor prestígio social, como é o caso dos cursos de Pedagogia - a que se refere Gatti *et al.* (2019) - que conduzem a carreiras menos valorizadas socialmente e de mais baixa remuneração, do mesmo modo que também se observa segmentação interna com viés de gênero no interior dos cursos de cada área. As posições mais proeminentes tendem a ser reservadas aos seus colegas do gênero masculino.

Além disso, no que se refere à orientação sexual é possível observar que também é amplamente superior o número dos que se identificam como heterossexuais, contudo, nota-se que apesar de em menor quantidade, há um número expressivo dos que se identificam com outras orientações sexuais além da heteronormatividade, aparecendo identificações com a bissexualidade, homossexualidade e pansexualidade.

Dos 69 discentes que se declararam heterossexuais, 49 identificaram-se como pertencentes a religiões cristãs, sendo que 24 declararam-se católicos e 25 protestantes. Ainda a respeito dessa orientação sexual, 14 declararam não possuírem religião.

Tabela 2 - Orientação sexual dos (as) participantes x orientação religiosa

	Frequência	Ateu/sem religião/agnóstico	Católico	Protestante	Candomblécista/espírita	Wicca	Adventista do 7º dia
Bissexual	11	5	1	3	1	1	1
Heterossexual	69	17	24	23	1	-	1
Homossexual	3	3	-	-	-	-	-
Pansexual	4	1	-	-	3	-	-
Total	87						

Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo.

No que se refere ao pertencimento etnicorracial, é possível observar que 85,4% dos estudantes consideram-se pretos, sendo que destes 41% são pardos e 43,8% são pretos. Esses dados apontam que a identificação racial dos estudantes acompanha o que aponta o Censo demográfico de 2022 (IBGE, 2022)⁹ em que os dados nacionais sinalizam que 42,8% da população se identifica quanto à cor ou raça como brancos, 10,6% como pretos e 45,3% como pardos.

⁹ Dados disponíveis no site do IBGE, na página: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>, acesso em setembro de 2023.

Diante dos dados nacionais sobre auto identificação racial não observamos tanta proximidade com relação aos dados coletados, salvo quando observamos os dados por regiões do país. Nesse caso, ao observamos os dados da região Nordeste, notamos que esses valores sofrem uma alteração e se assemelham mais aos dados encontrados no lócus desta pesquisa, uma vez que por região declararam-se como brancos 24,9%, 13,4% declararam-se pretos e 60,5% como pardos.

Tendo em vista que o município de Feira de Santana compõe um dos 17 municípios que fazem parte do Portal do Sertão¹⁰, a UEFS localizada neste município adota uma característica relevante que é a de receber discentes de diversas regiões adjacentes ao município, além do fato de a UEFS aceitar notas do Sistema de Seleção Unificada (SiSU)¹¹ para o ingresso à instituição o quantitativo de estudantes oriundos de outros estados aponta para essa pluralidade. A partir desse dado observa-se que 21 colaboradores são de outros municípios ou cidades, tendo em vista que seis deles residem num dos oito distritos de Feira de Santana e os demais moram em bairros da cidade em que a universidade está localizada.

A partir do cruzamento dos dados acerca da orientação religiosa, observa-se que os três colaboradores que se declaram homossexuais declararam também não possuírem religião. Os bissexuais não possuem religião ou são protestantes ou católicos, reforçando a ideia de que as experiências religiosas dos jovens nem sempre coincidem com as prescrições dogmáticas. Dentre os que se declararam pansexuais, quanto à religião sinalizaram não possuírem religião ou serem espíritas ou Wiccanos.

Quanto ao levantamento da religiosidade pode-se levantar o exposto na tabela a seguir:

Tabela 3 - Pertencimento religioso dos (as) participantes (n=89)

	Frequência	Porcentagem
Agnóstico	4	4,5
Ateu	2	2,2
Candomblecista	1	1,1

¹⁰ O Portal do Sertão é um dos territórios mais dinâmicos em termos econômicos na Bahia, devido às diversas rodovias estaduais e federais, a proximidade geográfica da Região Metropolitana de Salvador e a localização estratégica tornam o território referência comercial e de serviços na região (Dados retirados do material produzido pela Secretaria de Desenvolvimento Rural). Disponível em: <http://www.portalsdr.ba.gov.br/intranetsdr/model_territorio/Arquivos_pdf/Perfil_Portal%20do%20Sert%C3%A3o.pdf>, acesso em maio de 2023.

¹¹ O Sistema de Seleção Unificada (SiSU) passou a ser utilizado como acesso principal aos Cursos de Graduação desde o semestre letivo de 2019.1. Antes disso, até 2018.2, o acesso se dava por meio do ProSel (Processo Seletivo vestibular) Dados retirados do site da UEFS. Disponível em: <<http://www.prograd.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=106>>, acesso em setembro de 2023.

Católica	25	28,1
Espírita	2	2,2
Sem religião	21	23,6
Protestante	28	31,5
Cristão, mas não frequenta nenhuma igreja	1	1,1
		continuação
Candomblé, espiritismo e catolicismo	1	1,1
Espírita, Umbanda e Wicca	1	1,1
Total	89	100,0

Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo.

Dentre as filiações religiosas, observa-se maior frequência entre protestantes (31,5%) e católicos (28,1%), seguidas dos sem religião (23,6%). É possível observar ainda a presença em menor quantidade de agnósticos, ateus, espíritas, candomblecista, adventistas e simpatizantes da umbanda, espiritismo e wicca¹².

Vale salientar que identificar-se como sem religião não significa necessariamente não possuir crença ou não ter uma aproximação religiosa, de modo que é possível declarar-se desse modo sem renunciar à fé, como apontam os estudos de Novaes (2004). Deste modo, “ser religioso sem religião” significa, sobretudo, um certo consumo de bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural” (NOVAES, 2004, p. 328).

O exposto acima é corroborado com os dados levantados acerca da crença em um Deus, ser, poder, espírito, inteligência ou força superior, em que 93,3% declararam acreditar em uma ou em todas essas entidades. Como exemplificação dessa forma de relação com o campo da espiritualidade, há depoimentos o exposto abaixo:

Antes acreditava em Deus na visão cristã e seguia os ideais da igreja, mas com os 15 anos de idade minha visão sobre algumas doutrinas e ideias não se encaixavam na minha visão de mundo. Parei de frequentar e agora acredito em Deus, mas um Deus totalmente desassociado de qualquer religião (Sem religião, 20 anos).

¹² A Wicca é considerada uma religião no mundo contemporâneo. Por demandar iniciação e rituais para seu ingresso, é entendida como iniciática, sacerdotal, politeísta e ecológica; além de voltada aos fazeres e práticas como magia, manipulação de energias e um tipo de religião humana com a natureza (ARAÚJO, 2020).

Observamos ainda um expressivo número de estudantes que mudaram de religião ao longo de suas vidas e alguns dados chamam a atenção para entender o que motivou tal mudança, bem como observar a religião a qual faziam parte e para as quais migraram.

Tabela 4 - Indicação de mudança de religião, doutrina ou crença ao longo da vida entre os (as) participantes

	Frequência	Porcentagem
Não	51	57,3
Sim	37	41,6
Total	89	100,0

Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo.

A respeito desses dados observa-se inúmeras justificativas para mudarem de religião tais como “amadurecimento, ideais e momento da vida, convivência com parentes e familiares, pensamento crítico, e estudo bíblico”. Dentre algumas justificativas, algumas outras respostas chamam a atenção, por indicariam visões críticas e mais autônomas em relação aos sistemas de fé de origens:

Algumas incoerências e hipocrisia da antiga religião (Agnóstico, 22 anos, 3º semestre).

Por uma experiência com Deus (Protestante, 22 anos, 3º semestre)

Pela falta de sentido que o cristianismo sempre representou na minha vida (Candomblecista, 31 anos, dessemestralizada).

A percepção de que certas coisas em que eu acreditava não fazia sentido (Agnóstico, 18 anos, 1º semestre).

Já fui da Assembleia de Deus de minha cidade. Parei de frequentar devido à forte religiosidade e doutrinação, o que não condizia com a Bíblia (Protestante, 26 anos, 7º semestre).

Observamos que a busca por um sentido ou experiências com um ser supremo foram motivadores da mudança de religião, inclusive a mudança de percepção referente aos elementos da religião a que estavam vinculados.

Além dos fatores acima, observa-se ainda que a entrada no meio acadêmico favoreceu, em certa medida, para que migrassem de uma religião para outra, ou até mesmo os levassem a identificar-se como sem religião, declarando-se ateu ou agnóstico.

Fui adquirindo conhecimento e procurando pontos positivos e negativos de várias religiões, decidi mudar por ver que a que estava não estava em ressonância com minhas convicções (Agnóstico, 23 anos, 1º semestre).

Percebi que as pessoas criam religiões para projetar a imagem de um ser superior nelas mesmas (Sem religião, 21 anos, 5º semestre).

Minhas crenças e bem-estar espiritual (Sem religião, 34 anos, 2º semestre).

Descobri que havia outras religiões além da evangélica e católica, e percebi que não me identificava com os ideais da religião evangélica e católica (Espírita, Umbanda e Wicca, 19 anos, 2º semestre).

Após ser confrontada com a realidade que a liberdade que a universidade traz me distanciei por um tempo. Foram 2 longos anos. Agora estou voltando (Protestante, 23 anos, 6º semestre).

Me mudei da cidade e por conta da rotina me afastei da igreja e com o distanciamento consegui fazer uma leitura crítica de todas as relações de poder dentro da instituição (foi como se tivessem tirado uma venda dos meus olhos) (Agnóstico, 25 anos, 6º semestre).

Diante dos relatos acima, observamos que o ingresso no ensino superior representou um alargamento dos horizontes (IRIART, MATOS, 2021) e saberes, assim como a mudança de rotina com novas atividades e atribuições por parte daqueles que tinham uma religião e desenvolviam atividades religiosas em sua comunidade de fé os levaram a diminuir a frequência com que participavam dessas atividades ou até mesmo a sua interrupção e afastamento.

Há ainda três colaboradores homossexuais que se declararam serem protestantes. Salientamos que não podemos realizar uma análise aligeirada desses e dos demais dados, tendo em vista ser necessário realizar um desafio de interpretação sociológica como salienta Novaes (2004), analisando possíveis evidências dos números, tabelas e gráficos, atribuindo-lhes sentidos que nunca perdem seu caráter hipotético.

Nesse sentido, Novaes (2004) prossegue alertando-nos que se faz necessário levar em consideração que, para obtermos uma explicação sociológica sobre um fenômeno religioso, é necessário atentar-se para três cuidados, a saber: o cuidado com os termos, as palavras; o

segundo o cuidado diz respeito aos trânsitos já feitos e entre religiões e o terceiro cuidado está relacionado às mudanças da sociedade brasileira que ocasionaram o trânsito religioso intrafamiliar.

A partir dos cuidados que se deve ter, levantados por Novaes (2004), e de posse dos dados acerca da orientação religiosa e sexual dos colaboradores, podemos observar que identificar-se com uma sexualidade que a não a heteronormativa está relacionado com o que a autora aponta sobre o desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais. Ou seja, identificar-se como pansexual, homossexual ou bissexual não é um impeditivo de identificar-se com uma religião que em seus dogmas e preceitos aponta divergências sobre essa orientação sexual, corroborando o que Novaes (2004, p. 324) assinala que “as auto classificações dos jovens de hoje têm de ser pensadas em suas inter-relações no interior do campo religioso em transformação”.

Logo, um agente pode identificar-se sexualmente com uma orientação que não a heterossexual e identificar-se com uma religião que possua praticantes mais conservadores tanto católicos como protestantes, que buscam em suas práticas conter, de certa forma o avanço da secularização presentes nos comportamentos e valores (ALMEIDA, 2017).

Quando questionados a respeito de quem os influenciou na escolha da sua religião e realizando o cruzamento de dados com a religião com a qual se identificam, observa-se que dos 31,5% que se identificam como protestantes, 50% declararam que quem os influenciou foram os seus pais. Já 35,7% informaram que escolheram essa religião por motivos pessoais, sem a influência de outra pessoa. Observa-se ainda que 10,7% alegaram que optaram por essa religião devido a influência de parentes e 3,6% sob influência de lideranças religiosas.

Acerca dos identificados como católicos, dos 28,1% que se identificaram com essa religião, apenas 16% informaram que escolheram essa religião por questões pessoais, 76% declararam que seus pais influenciaram em sua orientação religiosa, sendo que do total, 8% declararam que já nasceram dentro dessa religião, tal dado informa o que Novaes (2004) nomeia de transferência intergeracional da religião, quando os pais transferem a sua religião para os seus filhos, ainda que em menor frequência.

No que diz respeito aos que declararam não possuírem religião, dos 23,6%, 66,7% deles (as) informaram que fizeram essa escolha por motivos pessoais e apenas 4,8% declarou influência dos pais nesta opção. Esses dados podem apontar para o chamado “ventos secularizantes” que sinalizam para outras formas de socialização religiosa em que a influência familiar pode configurar-se de com menor ‘força’ e que esses sujeitos podem estar se

apropriando de outros parâmetros de cognição e ação relativos à sua pertença religiosa (NOVAES, 2004).

Quanto à sua experiência religiosa e como definiria o seu grau de participação e engajamento nas atividades religiosas, 40% dos católicos participam entre uma e duas vezes por mês, 36% frequentam apenas em festividades como casamentos, batizados, iniciações etc. e 24% frequentam semanalmente. Observa-se que o único estudante candomblecista declarou que não participa das atividades, assim como o espírita. Já com relação aos protestantes pode-se observar que 7,1% não frequentam, 3,6% frequentam mais de cinco vezes por mês, 10,7% frequentam apenas em festividades como casamentos, batizados, iniciações etc., 14,3% frequentam entre 1 e 2 vezes por mês e 64,3% frequentam semanalmente as atividades religiosas, percentual bastante superior aos dos católicos.

Observa-se que entre os cristãos protestantes há um maior engajamento e participação das atividades religiosas, o que pode representar também uma maior reprodução e fortalecimento de ideias e valores religiosos da denominação religiosa a qual estão vinculados, como veremos mais adiante nas discussões dos dados obtidos através das entrevistas.

Do mesmo modo, estão entre os cristãos os maiores indicadores com relação à importância da religião em suas vidas, tendo em vista que 89,3% dos protestantes atribuíram muita importância à religião, 7,1% atribuíram pouca influência e apenas 3,6% atribuem nenhuma importância da religião à sua vida.

Com relação aos católicos, 84% atribuíram muita importância e 12% atribuíram pouca importância da religião em suas vidas. Já entre os espíritas e candomblecistas observa-se que o primeiro atribui pouca importância e o segundo muita importância da religião em sua vida.

5 TRANSFORMAÇÕES PELA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE

“Tornar a religião um objeto de investigação sempre é se submeter a um considerável esforço de objetivação reflexiva. Isto, não só porque é necessário assumir e refletir sobre a própria pertença ou crença religiosa,

caso haja. Mas, também, porque é preciso não subestimar a necessidade de objetivação – não menos dolorosa – dos conceitos (e preconceitos acadêmicos) que habitam o mundo ao qual os cientistas sociais pertencem” (Novaes, 2012).

Como foi possível observar na revisão de literatura, a partir das contribuições de Swatowski, Silva e Alvarenga (2018) que discutem as mudanças e o processo de alteração de rotina e modos de socialização dos jovens após o acesso ao meio acadêmico em que o estudante universitário passa a refletir sobre suas crenças interiorizadas uma vez que entra em contato com novas teorias. A partir desse processo reflexivo, o estudante pode estar sucessível mudanças em suas trajetórias individuais, bem como a revisão ou reelaboração de referenciais, valores e costumes herdados da família e do meio sociocultural de origem.

Contudo, é preciso considerar as experiências de vida que precedem o ingresso dos jovens na universidade.

[...] é preciso considerar as experiências de vida que precedem o ingresso dos jovens na universidade. Questionamentos e/ou estranhamentos em relação às práticas sociais, moralidades e visões de mundo podem emergir antes da entrada na universidade (ainda que não estejam necessariamente formulados e explicitados), e, inclusive, ser esse um dos fatores que influenciam na opção por um curso na área de humanas (SWATOWISKI, SILVA E ALVARENGA, 2018, p. 391).

É preciso, portanto, compreender como se dá o processo de socialização dos estudantes nos espaços religiosos ao qual pertencem e como se dá essa relação com o espaço acadêmico.

O grau de engajamento e de participação nas atividades religiosas pode variar bastante entre as diferentes religiões e mesmo entre os participantes de uma mesma instituição. Os dados analisados mostram que 40% dos católicos participam entre uma e duas vezes por mês, 36% frequentam apenas em festividades como casamentos, batizados, iniciações etc. e 24% frequentam semanalmente.

Tabela 5 – Grau de participação e engajamento religioso

Frequência de participação	Católicos (n = 25)		Protestantes (n = 28)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
1 a 2 vezes por semana	10	40	4	14,3
Mais de 5 vezes por mês	-	-	1	3,6
Semanalmente	6	24	18	64,3
Em festividades como casamentos, batizados, iniciações	9	36	3	10,7

etc.				
Não frequento	-	-	2	7,1
Total	25	100	28	100

Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

Observa-se que o único estudante candomblecista declarou que não participa das atividades, assim como o espírita. Já com relação aos protestantes pode-se observar que 7,1% não frequentam, 10,7% frequentam apenas em festividades como casamentos, batizados, iniciações etc., 14,3% frequentam entre 1 e 2 vezes por mês e 67,9% frequentam semanalmente as atividades religiosas ou até mais de uma vez por semana.

Entre os cristãos protestantes há sensivelmente um maior engajamento e participação das atividades religiosas, o que pode representar também uma maior experiência de reprodução e fortalecimento de ideias e valores religiosos das denominações religiosas as quais estão vinculados, como veremos mais adiante nas discussões dos dados obtidos por meio das entrevistas.

Do mesmo modo, estão entre os protestantes os maiores indicadores com relação à importância da religião em suas vidas, tendo em vista que 89,3% dos protestantes atribuíram muita importância à religião, 7,1% atribuíram pouca influência e apenas 3,6% atribuem nenhuma importância da religião à sua vida.

Com relação aos católicos, 84% atribuíram muita importância e 12% atribuíram pouca importância da religião em suas vidas. Já entre os espíritas e candomblecistas, mesmo considerando o baixo número de adeptos, observa-se que o primeiro atribui pouca importância e o segundo muita importância da religião em sua vida.

5.1 EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E ACADÊMICAS DAS (OS) FUTURAS (OS) PEDAGOGAS (OS)

O ingresso no ensino superior pode representar um alargamento dos horizontes culturais, políticos e existenciais (IRIART, MATOS, 2021) e de aquisição de novos saberes. Os desafios de um estudante universitário são inúmeros e abarcam desde a iniciação de uma nova relação com o conhecimento, criação de rotina de estudos mais autônomos, conciliação do estudo com o trabalho, até a questão do custeio e da permanência devido a fatores econômicos.

Apesar desses desafios não se darem de forma homogênea em toda uma instituição, ou seja, os sujeitos que fazem parte dela vivenciam tais desafios a partir das suas condições econômicas, de gênero, étnico-racial, lugar de origem e moradia, e nível de letramento. Para Iriart e Matos (2021), esse ingresso envolve processos de ruptura e mudança significativos, sobretudo, nos dois primeiros anos de vida acadêmica.

Assim, a mudança de rotina e/ou, de cidade e novas relações estabelecidas com o conhecimento por parte daqueles que tem uma religião e desenvolviam atividades religiosas em sua comunidade de fé pode levar um estudante a um distanciamento ou até mesmo a sua interrupção e afastamento da religião, como afirmam dois estudantes que se identificaram como agnósticos.

Me mudei da cidade e por conta da rotina me afastei da igreja e com o distanciamento consegui fazer uma leitura crítica de todas as relações de poder dentro da instituição; foi como se tivessem tirado uma venda dos meus olhos (Agnóstico, 25 anos, 6º semestre).

Fui adquirindo conhecimento e procurando pontos positivos e negativos de várias religiões, decidi mudar por ver que a que estava não estava em ressonância com minhas convicções (Agnóstico, 23 anos, 1º semestre).

Com relação à mudança de rotina, já apontada pelas pesquisas sobre juventude universitária, é possível observar nos trechos acima que a inserção no ambiente universitário favorece um alargamento dos saberes e conhecimento, ampliando a sua leitura de mundo e posicionamento crítico frente às convicções religiosas que trazia anteriormente.

Em estudo desenvolvido por Swatowski, Silva e Alvarenga (2018), com estudantes de um curso de Psicologia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), também foi possível observar dados relativos à inserção na universidade e sua influência sobre a religiosidade dos participantes da pesquisa no que se refere a estudantes católicos pode-se observar que:

Entre os estudantes católicos, encontramos relatos de abalos de sua fé após o ingresso na universidade, mesmo que isso não tenha sido suficiente para uma mudança de identidade religiosa. Em geral, foram criados em famílias católicas e permanecem dentro do registro de religiosidade católica, independentemente da orientação sexual. Se a fé desses estudantes sobrevive aos dogmas da igreja, eles têm de conviver com um duplo estranhamento – no contexto religioso e entre os colegas de curso (SWATOWISKI, SILVA, ALVARENGA, 2018, p. 399).

Por conseguinte, outro fator que parece contribuir para um afastamento das atividades religiosas está ligado à autonomia e à liberdade que a entrada no ambiente acadêmico proporciona, como pode ser observado no relato de uma das estudantes da UEFS a seguir:

Após ser confrontada com a realidade que a liberdade que a universidade traz me distanciei por um tempo. Foram 2 longos anos. Agora estou voltando (Protestante, 23 anos, 6º semestre).

Além disso, outro impacto observado a respeito da inserção na universidade diz respeito à migração de uma religião para outra, ou até mesmo à não filiação a alguma religião

Percebi que as pessoas criam religiões para projetar a imagem de um ser superior nelas mesmas (Sem religião, 21 anos, 5º semestre).

[O que me levou a mudar de religião foram...] minhas crenças e bem-estar espiritual (Sem religião, 34 anos, 2º semestre).

Descobri que havia outras religiões além da evangélica e católica, e percebi que não me identificava com os ideais da religião evangélica e católica (Espírita, Umbanda e Wicca, 19 anos, 2º semestre).

Contudo, apesar dos relatos acima apontarem a transição entre religiões e a declaração de não mais pertencimento a uma instituição religiosa, deve-se levar em consideração a multiplicidade de formas que a experiência religiosa juvenil pode assumir, uma vez que:

Declarar-se ateu, no entanto, não deve ser lido como um afastamento sistemático do universo das práticas religiosas, tampouco como efeito da entrada em um ambiente pautado por princípios laicos, como se presume no senso comum (SCHELIGA; KNOBLAUCH; BELLOTTI, 2020, p. 11).

5.2 JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA E RELIGIOSIDADE

A democratização do acesso à universidade ocasionou uma mudança de perfil do estudante que ingressa na academia, tornando-se necessário o entendimento das particularidades de cada espaço acadêmico, bem como a reflexão sobre as condições de permanência desses estudantes (SPOSITO *et. al.*, 2018).

Estes estudantes, ao ingressarem no ensino superior, precisam compreender os códigos ditos e não ditos desse espaço de aprendizagem, precisando construir um novo *habitus* de estudante por meio do que Coulon (2017) define como processo de afiliação.

Nesse processo de transição, a academia se caracteriza como um espaço plurirreligioso, quase sempre urbano e hipercrítico e que leva o jovem a questionar certezas herdadas, amadurecer sua autonomia e inserir-se na vida social (RIBEIRO, 2009).

Na tabulação e análise dos dados foi possível observar opiniões sobre a universidade ser um espaço de diversidade religiosa, um espaço que acolhe a diversidade e que é marcante a tolerância religiosa, como podemos extrair das falas abaixo:

Dentro da academia eu percebo que até hoje é um ambiente que cabe todo mundo (Vitória, sem religião, 22 anos, 8º semestre).

Eu vejo essa diversidade religiosa muito forte, é muito diverso mesmo (Marielle, agnóstico, 25 anos, 7º semestre).

A gente tem muita diversidade com relação à religiosidade e o que é pregado lá é 100% a tolerância, né? Só não é muito explícito, ninguém é muito de falar 'sou de tal religião' (Madalena, protestante, 20 anos, 3º semestre).

Compreender o fenômeno religioso dos jovens universitários a partir de suas crenças e de práticas, permite-nos decifrar sentidos de suas convicções, valores e atitudes não institucionalizados, mas integrados à existência de indivíduos e grupos (RIBEIRO, 2009).

Sobre esse aspecto, a colaboradora Marielle (agnóstica) faz um importante relato sobre como esses valores relacionados à sua individualidade se contrapõem e até divergem nesse campo de forma que é a religiosidade. Inicialmente, Marielle começa a relatar como passou a ser a sua frequência e participação nos eventos religiosos a que pertencia. De acordo com ela, quando precisou vir estudar na UEFES e como precisou conciliar estudos e trabalho só consegui ir à igreja aos domingos, “mas em casa eu ‘tava’ na igreja a semana toda. De manhã, de tarde, de noite. Em feira eu só ia nos domingos”.

E é justamente quando tenta dar maiores explicações sobre a mudança de comportamento com relação à sua participação que Marielle inicia um relato que aponta para o campo de forças e de disputa discutido no início deste capítulo. A colaboradora aponta que provavelmente ou a inserção ao meio acadêmico ou o afastamento do meio religiosos a sua visão crítica sobre questões que anteriormente ela não havia ponderado foi ampliado, questões inclusive que o saber religioso da comunidade em que estava inserida a levavam a se considerar uma pessoa errada, culpada:

Não sei se é porque a universidade traz essa visão crítica das coisas, não sei se é por conta também desse meu olhar depois da universidade, ou se é por causa desse afastamento. Eu acho que foi a mistura das duas coisas e aí eu passei a enxergar as coisas de um ângulo que eu não conseguia enxergar dentro da igreja. Principalmente a forma como eu me punia por certas atitudes que eu tinha que eu considerava, hoje eu vejo como normal, mas antigamente eu via como pecado, como uma coisa que iria me levar para o inferno e isso fazia eu me sentir muito culpada. Culpada por uma coisa natural (Marielle, agnóstico, 25 anos, 7º semestre).

A partir desse relato de Marielle, pode-se observar que, nesse contexto de inserção universitária, os jovens são sujeitos que tendem a se “distanciar de poderosos ambientes elaboradores de sentidos, como a família e a religião, e empreendem uma travessia que é singular e também geracional” (RIBEIRO, 2009). Então, no cenário universitário, a desvinculação desses ambientes seria ainda mais frequente uma vez que os jovens estariam expostos a uma maior diversidade de culturas e experiências religiosas. A esse respeito, Marielle continua trazendo contribuições importantes para entendermos esse processo de fortalecimento da visão crítica sobre sua permanência dentro de uma filiação religiosa que desconsidera ou desrespeita sua individualidade.

Por exemplo, eu me considero bissexual, eu sou bissexual. E assim, dentro da igreja eu me sentia muito culpada por isso e aí quando eu me afastei um pouco da igreja eu vi, não sei explicar, mas eu vi que isso não vai definir o que me levaria pra o céu ou pra o inferno. Eu não tô fazendo mal a ninguém, então eu não entendia, tipo assim, eu passei a não entender por que eu me sentia tão culpada. Eu entendi por que eu me sentia tão culpada dentro da igreja (Marielle, agnóstico, 25 anos, 7º semestre).

Dessa forma, a experiência religiosa passa a ocorrer de forma abrangente, e não apenas com a definição de ser crente, secular ou mesmo ateu, uma vez que corresponde a toda experiência religiosa humana, seja ela filiada a uma denominação religiosa ou não (RIBEIRO, 2009).

Mas não só isso, a entrada na universidade pode representar para alguns alunos (as), a inserção em um novo mundo, uma nova fase de suas vidas, podendo levá-los a tecer novas reflexões a partir do contato com novas teorias que lhe são apresentadas no meio acadêmico (SWATOWISKI; SILVA; ALVARENGA, 2018).

Como relatado acima, é possível observar que o ingresso na universidade leva o estudante a atravessar mudanças significativas que vão desde às dificuldades impostas à sua

permanência, sobretudo para o estudante das camadas populares, a uma série de rupturas nas condições de sua existência como a passagem para uma vida mais autônoma e a apropriação do saber (COULON, 2017).

Nesse sentido, a participação dos jovens em grupos religiosos, oportuniza o acesso a diferentes espaços de sociabilidade, em que podem construir seus capitais sociais e culturais, criando uma identificação e distinguindo cada grupo entre si, em relação à comunidade como um todo e ao seu complexo religioso (SCOTT, CANTARELLI, 2004).

Desse modo, a religiosidade dos jovens exerce forte influência sobre as suas tomadas de decisões, seus modos de sociabilidade, escolha profissional, identificação e compreensão de gênero, assim como na compreensão de diversos fenômenos da existência humana, como a crença de uma vida pós morte, por exemplo (SCOTT, CANTARELLI, 2004).

Reitero a necessidade de considerar o *habitus* um sistema flexível de disposição, não apenas resultado da sedimentação de uma vivência nas instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante mutação e, portanto, adaptável aos estímulos do mundo moderno: um *habitus* como trajetória, mediação do passado e do presente; *habitus* como história sendo feita; *habitus* como expressão de uma identidade social em construção (SETTON, 2002, p. 67).

É a partir dessa contribuição de Setton (2002) que analisamos os dados produzidos, entendendo que o dispositivo de *habitus* híbrido compõe o sistema de construção acionado pelos jovens que acessam o espaço acadêmico e por meio desse espaço que oferece experiências plurais são levados a construir esse *habitus* que incorpora valores e referências de origens diversas inclusive a religiosidade.

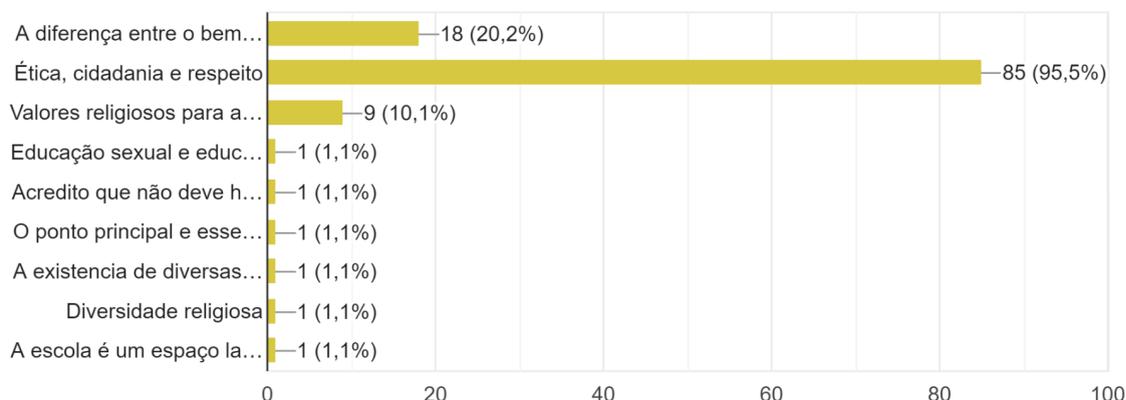
6 RELIGIÃO E LAICIDADE NA VIDA PROFISSIONAL

*“E enquanto você reza, vá fazendo”
Provérbio africano.*

As transformações promovidas pela vida acadêmica, incluindo as aprendizagens no campo científico, não deixarão de estar em diálogo com a própria religião e com as de membros da comunidade escolar (discentes, familiares, gestores e outros docentes) no caso de licenciados.

Quando questionados sobre os valores que consideram serem importantes que os seus futuros alunos aprendam na escola, dentre as três alternativas apresentadas no questionário¹³, observa-se que 20,2% elegem que um dos valores importantes consiste em discutir sobre a diferença entre o bem e o mal, 95,5% declararam que valores como ética, cidadania e respeito são importantes de serem ensinados na escola e apenas 10,1% declararam ser importante o trabalho com valores religiosos para a formação de caráter no ambiente escolar.

Figura 2 - Valores considerados relevantes para serem trabalhados na escola, segundo os (as) participantes



Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

Os colaboradores sinalizaram ainda ser importante o trabalho com a educação sexual na escola e o ensino religioso na perspectiva de apresentar aos alunos o conhecimento sobre *“a existência de diferentes religiões e uma base das mais difundidas”* (Espírita, 19 anos, 2º semestre).

Nesse sentido, nota-se que os colaboradores fazem referência ao disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 33, o qual dispõe que:

¹³ A diferença entre o bem e o mal, ética, cidadania e respeito e valores religiosos para a formação de caráter.

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (BRASIL, 1996).

De outro modo, vemos a partir das falas destacadas a seguir a defesa pela não entrada da religião nas escolas:

Acredito que não deve haver religião nas escolas, isso é algo pessoal e individual de cada um (Católica, 22 anos, 5º semestre).

A escola é um espaço laico. Não acredito que a religião deva ter espaço dentro das escolas (Sem religião, 21 anos, 2º semestre).

Observa-se que, mesmo com orientações religiosas divergentes, as falas levantam o debate sobre a pertinência ou não do ensino religioso e se a religião é um tema que deve estar presente no ambiente escolar. Aqui, os estudantes não dão maiores detalhes se não deve haver a disciplina de religião na escola ou se a temática não deve aparecer ainda que de forma não disciplinar.

Os dados aqui produzidos dialogam com os dados produzidos por Lordêlo e Rosa (2007), em que 73% dos estudantes de pedagogia que participaram da pesquisa afirmaram serem contrários ao ensino religioso obrigatório nas escolas.

Nos chama a atenção ainda as falas destacadas anteriormente pois representam falas comuns de serem ouvidas em ambientes formativos de professores já atuantes na educação básica, falas em defesa da escola laica e contra a instituição de uma disciplina de religião na escola.

Valente (2021), ao discutir a laicidade à moda francesa e à moda brasileira aponta o processo histórico de separação entre Estado e Igreja que estes dois países enfrentaram.

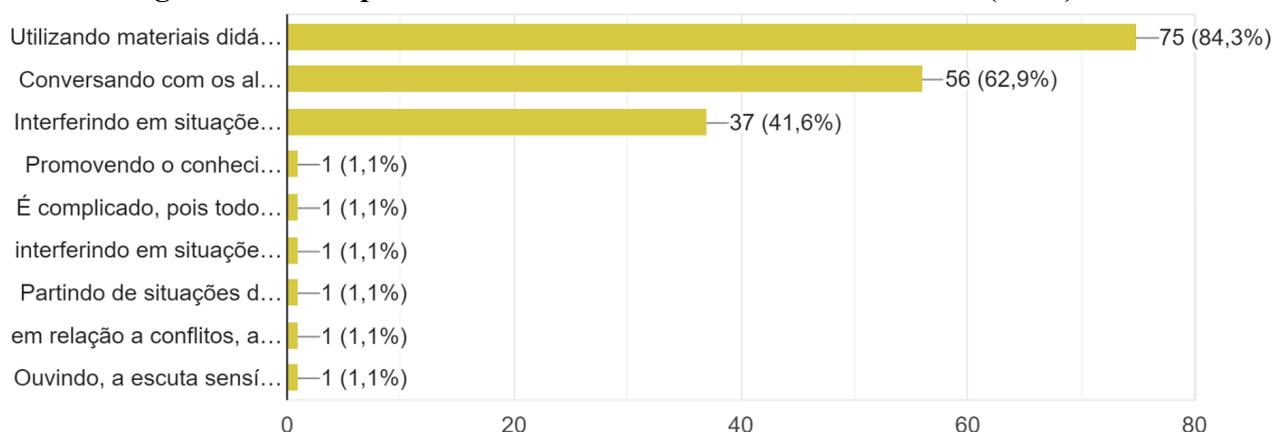
No Brasil, a separação [...] foi feita de forma que privilegiou mais os católicos do que na França. A Igreja Católica brasileira pôde manter suas propriedades e gozar de imunidade fiscal e as autoridades continuaram tendo apoio governamental. Na França, a lei de 1905 sugeriu a criação de um órgão centralizador que deveria regular e criar normas para as instituições religiosas (VALENTE, 2021, p. 44).

A fala que aponta a religião como sendo algo *pessoal e individual de cada um* converge com o que Valente aponta quanto à escola brasileira que é tida como um espaço de socialização, em que seriam levadas em conta a religião e religiosidade próprias dos indivíduos divididos e seriam reverberadas em sem convívio social, enquanto que “na escola

francesa a escola é vista como um espaço público, onde normas jurídicas possuem grande valor” (p. 45).

Quando questionados sobre como trabalharão os valores que elencaram serem importantes de serem abordados no ambiente escolar, das opções apresentadas, 84,3% informaram que utilizarão materiais didáticos como livros e jogos que trabalham o assunto, 62,9% atuarão conversando com os alunos e 41,6% farão intervenções em situações de conflito e expondo a forma como os alunos deveriam se comportar.

Figura 3 - Como pensam em trabalhar valores em sala de aula (n=89)



Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

Além das três opções apresentadas, alguns colaboradores elencaram ainda outras ações relacionadas à forma como seriam trabalhados os valores em sala de aula, a saber:

Promovendo o conhecimento, uma vez que eu só vim aprender que havia outras religiões muito tardiamente (Espírita, Umbanda e Wicca, 19 anos, 2º semestre, pansexual).

É complicado, pois todo ser humano possui uma bagagem já pré-existente antes da inserção no ambiente escolar. Muito já vem com valores ensinados no primeiro espaço social que é a família, que por muitas vezes entra em embate com os preceitos de valores trabalhados em sala de aula. Logo, mediar esses valores com os valores que coexistem nesses ambientes é uma tarefa muito delicada e árdua que designa ao docente um trabalho delicado e difícil (Sem religião, 21 anos, 2º semestre, heterossexual).

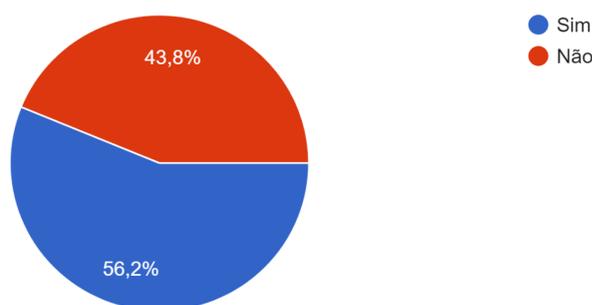
Partindo de situações do cotidiano dos alunos. Promovendo rodas de conversas para reflexões e possíveis intervenções não adentrando em princípios religiosos em si, mas em valores gerais que regem os homens e o bom convívio em sociedade (Protestante, 26 anos, 7º semestre, heterossexual).

É possível observar que os depoimentos demonstram a importância que os colaboradores dão com relação à participação dos alunos em situações em que haja debate sobre os valores em sala de aula, demonstrando ainda a ideia de que não cabe ao professor transmitir seus próprios valores para o educando, denotando uma dialogicidade no processo educativo.

Quando questionados sobre a importância de o professor conhecer a religião dos seus alunos, 16,9% declararam não ser importante tal conhecimento e 83,1% declararam ser importante sim essa informação.

Além disso, quando indagados sobre a religião influenciar ou não no desempenho escolar dos alunos, 43,8% declararam que sim e 56,2% declararam que a religião não influencia no desempenho escolar dos alunos.

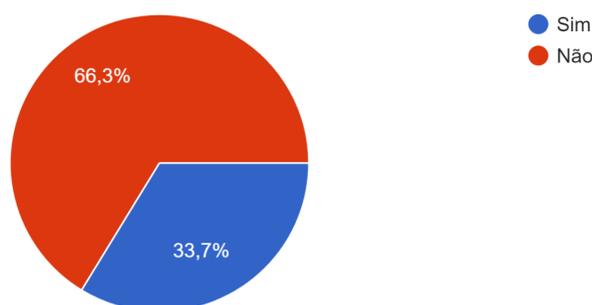
Figura 4 - Influência da religiosidade dos alunos no próprio desempenho escolar (n = 89)



Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

Quando perguntados se a sua religião influencia e/ou influenciará a sua prática pedagógica, observa-se que 11,2% dos católicos declaram que sim, a sua religiosidade exerce/exercerá influência sobre a sua prática pedagógica, enquanto 12,3% informam que não há/haverá influência. Com relação aos protestantes, 16,8% declararam que sim e 15,7% declararam não haver influência. Observamos que há quase que uma equiparação das respostas referentes à pergunta e salientamos que a maioria de respostas positivas ou não se referem aos católicos e protestantes, sendo que dados referentes às outras religiões são inferiores aos sinalizados.

Figura 5 - Influência da religiosidade do professor na prática pedagógica (n = 89)



Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

A respeito de como a religião dos participantes da pesquisa influencia e/ou influenciará em sua prática pedagógica, proponho uma análise sobre as contribuições dos participantes, tanto dos que acreditam que a sua religião não exercerá influência, quanto dos que creem que ela influenciará na seleção de conteúdos e gestão da sala de aula.

No primeiro grupo, observa-se que, exceto na religião espírita e na fala de uma colaboradora que se denomina cristã mas que não frequenta nenhuma entidade religiosa, os demais colaboradores que pertencem a distintas denominações sinalizaram que a sua religiosidade não influenciará a sua prática docente, como pode ser visto em alguns recortes a seguir de depoimentos dos jovens que responderam ao questionário:

De nenhum modo, acredito que sei separar minha vida profissional da religiosa (agnóstico, 23 anos, 1º semestre).

Acredito que a minha descrença não influenciará em minha prática pedagógica (sem religião, 23 anos, 7º semestre).

Sei que tendemos a passar de forma mais incisiva aquilo que acreditamos, mas não acredito que minha crença me influenciará a práticas preconceituosas, mas sim, respeitosa à diversidade (protestante, 26 anos, 7º semestre).

Não influenciará (Espírita, Umbanda e Wicca, 19 anos, 1º semestre).

Já no outro grupo, nota-se que entre estudantes católicos, sem religião e protestantes os colaboradores citam diversos elementos em que essa influência ocorre/ocorrerá, desde a transmissão de valores à socialização de saberes e convivência com os seus alunos.

[Influenciará no] modo de convivência, crenças (católica, 20 anos, 2º semestre).

A partir do momento em que muitas das minhas atitudes estão pautadas na minha religião (católica, 23 anos, 7º semestre).

Creio que de forma positiva, visto que, não tenho religião e exercito o respeito a todas (sem religião, 21 anos, 5º semestre).

Acredito que todas as religiões pregam o respeito, mas em relação à minha religião nas práticas pedagógicas além do respeito, a bondade, justiça e tolerância estão presentes. Não que nas outras não preguem tais valores (Maria, protestante, 20 anos, 2º semestre).

Me guiando para fazer o que eu acho melhor (19 anos, 2º semestre).

Infelizmente diversas dessas contribuições se deram por meio de colaboradores que não desejaram participar das demais etapas da pesquisa, momento que poderíamos explorar diversas dessas respostas com o intuito de compreender melhor as suas ideias sobre como a sua religiosidade de fato exerceria influência em sua prática docente.

Além dos dois blocos que elencamos anteriormente, é possível apreender de algumas respostas uma inclinação para um possível trabalho com a religiosidade, em que a identidade religiosa do docente não atue de maneira discriminatória com relação à religião do estudante, mas que seja trabalhada de forma a enfrentar e combater intolerância e preconceito religioso como podemos observar nesses dois comentários:

Respeitando as demais religiões dos alunos. Não me refiro a impor a minha religião na escola, mas é necessário e primordial discutir o tema em nossas práticas pedagógicas. Até porque, fora do planejamento, essas questões são cotidianas e aparecem. Cada um opta por sua religião, mas é necessário respeitar todas as demais (Não desejou participar da entrevista, católica, 24 anos, 8º semestre).

Influenciará na prática de ações voltadas a não discriminação das pessoas, por valores econômica, crenças religiosas, por exemplo, por mais que isso parece paradoxal (Não desejou participar da entrevista, cristã, 33 anos, 7º semestre).

Observa-se ainda alguns discursos que apontam para o que muitos consideram como o exercício da laicidade:

Não vai influenciar, não quero basear minha prática em religião, respeito todas (Não desejou participar, católica, 22 anos, 5º semestre).

Chama-nos atenção que estudantes que se identificam com religiões hegemônicas como a cristã, sejam eles católicos ou protestantes, apontem para discursos mais progressistas quanto às discussões religiosas no âmbito escolar e quanto à sua influência religiosa com os demais. Mesmo se tratando de um recorte pequeno dentro de um universo maior, percebe-se que alguns alunos que poderiam ser tachados em primeira instância de estudantes

conservadores pelo senso comum, sinalizam para práticas mais respeitadas. no entanto, ainda é possível ver que alguns colaboradores não conseguem se “descolar” da sua religiosidade como podemos observar nestas falas:

Algumas atitudes ainda são limitadas e influenciadas pela religião, mas, tentarei ser o mais neutra possível (Não desejou participar da entrevista, católica, 37 anos, 2º semestre).

Irá interferir nos valores que passo aos alunos e nas situações cotidianas também, como a resolução de conflitos. Não consigo distanciar quem sou da minha religião, pois ela faz parte de mim (Não desejou participar da entrevista, protestante, 23 anos, 6º semestre).

Como pessoa evangélica, minha religião preza por respeito e boa conduta, além de uma boa maneira de falar (Não desejou participar da entrevista, protestante, 23 anos, 7º semestre).

Na última fala a colaboradora aponta para, no mínimo duas questões extremamente subjetivas como “respeito” e “boa conduta”. O que seria prezar pelo respeito para uma pessoa protestante e para uma pessoa de outra denominação religiosa?

Quanto aos colaboradores que apontam que a sua religiosidade não causará influência sobre a sua prática pedagógica, estudos de Valente (2021; 2015) e Knoblauch (2015) apontam que apesar dos professores (sujeitos das pesquisas desenvolvidas por elas) apontarem uma neutralidade amparados no discurso de laicidade, as autoras apontam que, sobretudo em escolas localizadas em espaços menos favorecidos economicamente, esse discurso não apresenta legalidade suficiente para lidar com os casos de intolerância religiosa.

É preciso, portanto, compreender o conceito de laicidade e estado laico. No site do Observatório da Laicidade na Educação consta uma cartilha que teve sua primeira produção conjunta do Observatório (OLÉ) “com a vereadora carioca Marielle Franco brutalmente assassinada em 2018. Sua reedição no ano de 2019, é uma forma de dizer que sua luta por uma educação democrática e laica para todos e todas permanece viva”¹⁴.

Na cartilha, lê-se que “o estado ateu é aquele que se declara oficialmente contrário a toda e qualquer religião; que quando não consegue proibi-la, dificulta suas práticas, atrapalha sua difusão e faz uma forte propaganda antirreligiosa” (OLÉ, 2019, p. 13).

Tendo em vista a hegemonia religiosa brasileira em que as religiões cristãs possuem diversos privilégios em relação a outras religiões como as de matrizes africanas por exemplo em que ainda hoje é possível observar diversos elementos religiosos vinculados ao

¹⁴ Texto retirado do site do Observatório de Laicidade na Educação. Disponível em: <<http://ole.uff.br/cartilha-laicidade-o-que-e/>>, acesso em outubro de 2023.

cristianismo em órgãos públicos, enquanto que as afrobrasileiras são hostilizadas e alvo de preconceitos quanto a seus elementos. Assim, parece razoável o entendimento de que a laicidade não trata da negação das religiões, sobretudo nos espaços educativos.

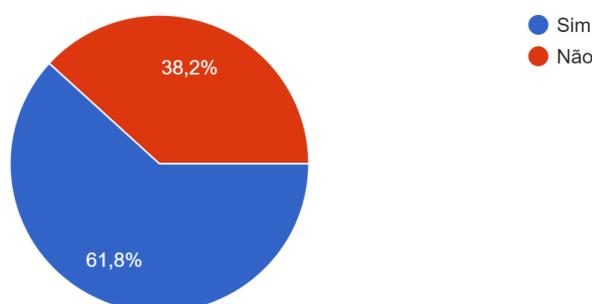
Negar a presença das religiões ou não abrir espaços para que haja debates e reflexões sobre as religiões - em seus aspectos sociais, culturais e cosmológicos - sem proselitismo contribui para que as religiões hegemônicas continuem seguindo com seus privilégios e que as religiões não-hegemônicas continuem alvo de preconceitos e desconhecimento. Portanto, “a laicidade do Estado é boa para os religiosos porque o Estado fica responsável por garantir o respeito à pluralidade religiosa brasileira de forma igualitária, sem privilégios para qualquer crença” (OLÉ, 2019, p. 13).

Considera-se interessante a contribuição dos colaboradores que apontam as discussões envolvendo a questão religiosa em sala de aula como uma ferramenta didática para discutir temas sociais e unir forças contra as formas de discriminação, uma vez que pensam a escola como um espaço de socialização em que o pluralismo de ideias e religioso, apontando para um tensionamento das religiões hegemônicas.

Para Valente (2021), “a ausência de uma injunção de neutralidade e a abertura dos docentes brasileiros para falar não apenas de suas religiões, mas também das religiões dos alunos, oferece a possibilidade de refletir sobre as diferentes religiões, sobre a religiosidade de cada um, sobre a diversidade religiosa e sobre o fato de que a escolha religiosa se dá de maneira individual.

Quando questionados no formulário, sobre quais os elementos identificam elementos religiosos no cotidiano escolar, observa-se:

Figura 6 - Observação de elementos religiosos no ambiente escolar (n=89)



Fonte: dados elaborados pela pesquisadora a partir do trabalho de campo (2022).

Vejo professores e algumas entidades escolares ofertarem oração e músicas religiosas no cotidiano escolar, como se fizesse parte do currículo. (Ateu, 31 anos, 4º semestre).

Em algumas escolas, a oração no acolhimento, as festas como Natal, semana santa... (Maria, protestante, 20 anos, 2º semestre).

A oração antes das aulas (Espírita, 19 anos, 2º semestre).

Imagens e costumes (Católica, 19 anos, 2º semestre).

Santos, fotos de Jesus (Católica, 23 anos, 3º semestre).

Algumas falas de aluno (Sem religião, 23 anos, 7º semestre).

Cruz, anjos, cartaz, oração (Católica, 20 anos, 2º semestre).

Analisando as falas sobre os elementos religiosos presentes nas escolas, conseguimos estabelecer relação com as discussões levantadas por Adriane Knoblauch (2015, p.2) que apontam que “a religião parece afetar, portanto, professores e professoras. Ainda que trabalhem em escolas oficialmente consideradas laicas, ao entrarem em seus locais de trabalho, o fazem sem deixar suas crenças do lado de fora da escola” .

Deste modo, considero importante aprofundar um estudo a respeito do que pensam os professores da educação básica sobre a laicidade no ambiente escolar, de forma a compreender o porquê de mesmo estando sob um estado dito laico, a presença de elementos religiosos ainda é tão presente em diversas escolas brasileiras, seja de forma material por meio de objetos, seja por meio de elementos mais subjetivos como falas, gestos etc.

"A sala de aula, com todas as suas limitações, continua a ser uma localização da possibilidade. Naquele campo de possibilidade, temos a oportunidade de trabalhar para a liberdade, a exigir de nós mesmos e nossos companheiros, uma abertura de mente e coração que nos permite enfrentar a realidade, mesmo quando consagramos coletivamente maneiras de ir além dos limites, para transgressão. Esta é a educação como a prática da liberdade"
Bell Hooks.

A partir das considerações feitas sobre o papel da religiosidade e da laicidade na vida profissional de educadores, buscou-se compreender os processos formativos das estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS e a sua relação com o campo religioso, foi preciso analisar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da Licenciatura em Pedagogia. O documento traz como objetivo geral do curso:

Formar o profissional da educação para exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na área da Gestão, serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos e de relações humanas, habilitando o Pedagogo para pensar e agir de maneira interdisciplinar, enfrentando eticamente os desafios do conhecimento, da informação, possibilitando-lhes problematizar a escola, campo principal de sua atuação, em seus aspectos relacionais, físicos, sociais, culturais, legais e de gestão (PPC-LICENCIATURA EM PEDAGOGIA/UEFS, 2018, p. 52).

Além disso, o PPC (2018, p. 52 -53) prevê em seus objetivos específicos:

- Conhecer e analisar criticamente as políticas públicas para a educação e intervir político-pedagógicamente nas diferentes instâncias de organização da educação brasileira;
- Implementar formas de gestão democrática, organizando e gerindo a escola, ou outra instituição não escolar, articulando os sujeitos do processo educacional entre si e com o seu contexto;
- Assegurar a formação comprometida com as diversidades: econômica, política, cultural, social, étnico-racial, de gênero e da educação inclusiva;

Sendo assim, entender como essas professoras, em processo de formação inicial, relacionam os conhecimentos científicos/pedagógicos e os conhecimentos religiosos em seu processo formativo nos fornece indícios de como poderão atuar futuramente enquanto docentes.

Quando questionadas sobre como atuariam em suas futuras salas de aula com relação à temática da religiosidade, podemos observar uma concordância quanto ao aspecto de trabalhar a temática da religião de forma inclusiva e levando em consideração a diversidade religiosa dos alunos, como pode ser visto nos relatos a seguir:

Eu quero que seja uma discussão que abrange tudo. Desde a católica, evangélica/protestante, às de matrizes africanas... Porque a gente tem que ver a religião como algo cultural também (Imani, 32 anos, sem religião, dessemestralizada).

Eu pretendo trabalhar com os meus alunos essa questão do respeito. Trabalhar que ninguém é igual, que ninguém tem o mesmo jeito de ver a vida de ver o mundo, ninguém tem as mesmas culturas familiares e que deve ser respeitado, assim como eu quero que as pessoas me respeitem (Madalena, 20 anos, protestante, 3º semestre).

Tanto Imani quanto Madalena apontam o trabalho a partir do respeito à diversidade e à diferença religiosa como ponto de partida e questões cruciais para o trabalho com religiosidade nas escolas em seu futuro exercício da docência. É interessante identificar essas colocações por parte de duas colaboradoras que tem experiência vivenciam ou estão vivenciando ou já teve uma vida religiosa com de trânsito religioso entre o protestantismo e catolicismo como é o caso de Imani e, no caso de Madalena que se denomina protestante demonstrarem uma preocupação quanto à tolerância religiosa por parte de religiões e práticas religiosas que possam vir a divergir de sua própria filiação religiosa.

Em contrapartida, observa-se nas falas de Vitória e Deusa uma postura mais condescendente com a prática das orações, algumas vezes combatida e até condenada por outras colaboradoras, que também sinalizam para o perigo de dar espaço para crianças pertencentes a religiões hegemônicas se expressarem em detrimento de outras que pertencem a religiões não hegemônicas. Vitória e Deusa, novamente, mostram-se mais abertas a que todas as crianças manifestem suas crenças e práticas religiosas.

Com relação às orações eu faria com cada um agradecendo pelo que queria e não necessariamente relacionada com sua religião, nem defesa a uma religião, ou professando uma religião em si, entendeu? Eu acho que no aspecto do dia a dia mesmo (Vitória, 22 anos, sem religião, 8º semestre).

Eu acho que quando eu estiver numa sala de aula eu sempre vou começar com uma oração, mas essa oração não sou eu quem vai fazer, eu sempre vou pedir pra um aluno fazer, entendeu? Porque a religião que a criança for, o que ela acredita, o Deus que ela acreditar é o que ela vai trazer pra gente. Eu acho importante, por mais que sejam crianças elas já seguem uma perspectiva e eu acho importante incluir elas e fazer isso que eu pensei (Deusa, 23 anos, sem religião, 4º semestre).

Em contrapartida, observando o recorte trazido por Marielle, que já atua como alfabetizadora num programa de alfabetização de jovens e adultos trabalhadores promovido pela UEFS em parceria com outros órgãos públicos da cidade, notamos que ela também vê o trabalho com a religiosidade como algo possível de ser feito em sala de aula e não como algo a ser combatido, e como um elemento que possa contribuir para engajar os alunos nas discussões sobre situações de conflito ou divergência religiosa que possa existir entre os eles e seus pares.

Nessa volta depois da pandemia, a gente percebeu que havia alguns conflitos entre os alunos e a gente começou a trabalhar essa perspectiva do respeito à religião do outro, inclusive a gente percebendo esses conflitos, a gente utilizou como tema a religião pra fazer o planejamento de algumas semanas (Marielle, agnóstico, 25 anos, 7º semestre).

Vitória também aponta que alguns aspectos da religiosidade dos alunos podem servir de elementos didáticos e ferramentas pedagógicas para promover o debate em sala de aula com o intuito de discutir aspectos relacionados ao respeito e diversidade religiosa:

E uma coisa que eu vejo, e eu não faria, mas eu vejo em várias escolas é aquelas frases bíblicas dentro da sala de aula. Frases, versículos, eu não trabalharia com isso, com essa decoração de sala porque eu não acho isso interessante (Vitória, 22 anos, sem religião, 8º semestre).

Compreender como a religiosidade das estudantes do curso de Pedagogia opera sobre o processo de formação acadêmica pode permitir acessar preconceitos e estereótipos presentes em práticas religiosas, uma vez que faz parte dos objetivos do curso assegurar uma formação de docentes comprometida com o respeito às diversidades econômica, política, cultural, social, étnico-racial, de gênero e da educação inclusiva.

No que diz respeito ao perfil dos estudantes egressos do curso de Pedagogia da UEFS, o PPC, apoiado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), resolução Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno (CNE/CP) nº 02/ 2015, alguns pontos chamam nossa atenção no que se refere ao objeto deste trabalho, a saber:

VII - Identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;

VIII - Demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras (PPC – LICENCIATURA EM PEDAGOGIA, 2018, p. 54);

No entanto, apesar de as DCNs apontarem para a necessidade em ofertar no processo formativo das estudantes do curso de Pedagogia reflexões que levem à superação de exclusões sociais de todo tipo e inclusive a religiosa, observa-se que nos componentes curriculares do curso da UEFS apenas uma disciplina traz em sua ementa a temática da religião:

Quadro 6 – Ementa do componente Ciências Humanas e Filosofia (CHF) – Antropologia e Educação, pertencente ao currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS
Eixo I – Epistemologia, Fundamentos da Educação e Pensamento Pedagógico

CÓDIGO	COMPONENTE	Carga HoráriaCH	EMENTA
CHF 313	Antropologia e Educação	60h	A educação e os processos culturais. As formas de socialização e aprendizagem presentes na construção dos modos de viver humanos e realidade: família, escola, trabalho, religião. Multiculturalismo, dinâmica cultural, relações de gênero, questões étnicas.

Fonte: PPC do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS (UEFS, 2018, p. 79)

No currículo do curso, a disciplina Antropologia e Educação com carga horária de 60h é ofertada no primeiro semestre do curso e apresenta em sua ementa a proposta de discussão sobre culturas e as instituições socioculturais e os modos de viver humanos, dentre elas a religião.

Apesar desse direcionamento no PPC do curso de Pedagogia, as estudantes entrevistadas pontuaram que não houve nenhuma discussão mais sistematizada ou proposta de debate voltada para o campo religioso na disciplina de Antropologia e Educação. As colaboradoras citaram disciplinas como História da Educação, História da Educação no Brasil, Relações Étnicorraciais na Escola e Educação Especial e Políticas Educacionais Inclusivas como espaços em que apareciam de maneira mais objetiva e explícita em discussões relacionadas à religião e religiosidade.

Além das disciplinas acima citadas, as colaboradoras apontam que essa discussão aparece de forma transversal em outros componentes, mas sempre sem muito aprofundamento ou mesmo espaço para debate ou diálogo, emergindo mais a título de exemplificação de alguma temática que já estava em pauta, como apontam a seguir:

Já teve discussões sobre a História da religião. Por exemplo, na [disciplina] Educação inclusiva, o papel e a influência que a religião tem (Imani, 32 anos, sem religião, dessemestralizada).

Eu considero a religião como um tema transversal, um tema que sempre quando aborda, ele aparece nas discussões independente das disciplinas. a religião é transversal a esses temas, porque não tem como a gente falar da história da educação sem falar da influência da religião, da igreja. principalmente da igreja católica e das igrejas cristãs (Vitória, 22 anos, sem religião, 8º semestre).

Tipo assim, não diretamente religião e religiosidade, né? Vê mais de forma interdisciplinar de forma mais ampla quando resgata a história da formação do Brasil, por exemplo (Maria, 20 anos, católica, 7º semestre).

Apreende-se que a temática religiosidade aparece com maior frequência nas discussões das aulas do componente curricular História da Educação e História da Educação no Brasil, a título de informação, uma vez que são parte essencial da formação histórica dos sistemas e processos educacionais ocidentais. Isso fica visível na ementa das duas disciplinas descritas no quadro a seguir, que englobam direta ou transversalmente aspectos relativos à religião.

Quadro 7 - Componentes pertencentes ao Eixo I do currículo do curso de Pedagogia da UEFS

Eixo I – Epistemologia, Fundamentos da Educação e Pensamento Pedagógico		
COMPONENTE	CH	EMENTA
História da Educação	60	Educação, história e historiografia. Os processos educativos na sociedade e na história: nas antiguidades clássica e oriental, na idade média e no contexto do Renascimento Cultural. Percursos históricos do processo de escolarização moderna. Processos históricos da formação do professor.

continuação

História da Educação no Brasil	60	Os processos educativos e os principais estudiosos da educação na sociedade e na historiografia brasileira: educação jesuítica, pombalina e escravocrata; educação na primeira república; movimento escolanovista; educação na Era Vargas; movimentos de educação popular da república populista; educação na ditadura militar. Desafios educacionais na Nova República.
--------------------------------	----	--

Fonte: PPC do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS (UEFS, 2018, p. 79)

Vê-se que no componente História da Educação no Brasil temas trazidos na ementa como educação jesuítica, pombalina e escravocrata que podem ser geradores de discussão sobre a religiosidade no cenário da educação brasileira, embora não apresentem de forma explícita o lugar e papel das religiões nativas ou de origem africana na configuração dos processos de formação. Além desses temas, os desafios educacionais na Nova República e questões contemporâneas podem também suscitar tais debates.

No entanto, a falta de uma especificação e/ou indicação da importância em discutir a religiosidade seus impactos e influência sobre os indivíduos dentro e fora dos espaços de educação formais, dos docentes do curso de Pedagogia da UEFS pode estar relacionada com o fato de que alguns docentes não se sintam encorajados em incluir tal temática em seus planos de curso, situação que precisa também de um olhar cuidadoso. A colaboradora Sara traz um relato que nos convida a pensar a respeito dessa hipótese:

Eu percebo que é um tema que não é muito discutido. Mas eu também acredito que seja até mesmo um receio dos próprios docentes, onde vai levar essa discussão. É uma discussão importante porque, ali na universidade eu falo assim, na área mesmo, tem vários professores se formando. E é muito importante ter uma discussão dessa pra gente mesmo, pra não chegar e subjugar uma criança, um adulto, um idoso, alguma pessoa pela sua religião (Sara, 22 anos, católica, 3º semestre).

Sara faz dois apontamentos importantíssimos de serem feitos, sobretudo pelos docentes do curso de Pedagogia da UEFS no que diz respeito às discussões voltada para a temática da religiosidade que de acordo com o PPC do curso deveria estar presente nas ementas de algumas disciplinas como exposto anteriormente. Sara sinaliza um provável receio dos professores em incluírem a temática por não saberem ao certo como conduzir a discussão, ao mesmo tempo em que sinaliza que a falta desse debate pode prejudicar a formação dos

futuros professores da educação básica que atuarão diretamente na formação de crianças, jovens e adultos.

A esse respeito, Deusa pontua sobre a importância da inclusão dessa discussão em sua formação inicial a qual dará subsídios importantes e necessários para a sua prática docente: “Eu acho que me ajudaria a saber lidar com essa diversidade dos meus alunos quando eu estiver exercendo a minha profissão” (Deusa, sem religião, 23 anos, 3º semestre).

Estudos futuros, como desdobramento dessa e de outras pesquisas envolvendo essa temática poderão trazer maiores indícios para observar se a ausência de disciplinas que discutam diretamente as religiões em sala de aula, ocasiona um déficit na formação inicial dessas professoras uma vez que lhes faltará aporte teórico suficiente para trabalhar com essa temática ao assumirem salas de aula de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, podendo ocasionar com isso a manutenção de preconceitos e estereótipos ao discutirem esse tema com seus alunos.

Imaginar como as futuras professoras lidarão com temáticas que possam apresentar conflito entre o conhecimento científico discutido na academia e o conhecimento religioso que elas possuem foi um exercício de extrema relevância para observar que ainda se faz necessário incluir de fato a religiosidade e religião não apenas como uma temática transversal, mas de fato uma discussão sistematizada e com referencial teórico que possibilite aos discentes uma compreensão acerca do cenário religioso brasileiro e de como ele se constitui e de sua atuação sobre os indivíduos.

Mostra-se necessário ampliar a discussão sobre a configuração e as relações entre os campos de saber da religião e ciência e os elementos que as constituem enquanto campos de conhecimento, assim como compreender como a religião, enquanto agente socializador conduz e orienta as opiniões e escolhas dos sujeitos.

Diante disso, como sinalizam Lordêlo e Rosa (2007), uma vez que a escola apresenta importância para a formação moral dos sujeitos, ao se compreender e conhecer o que pensam as estudantes de Pedagogia, futuras educadoras “é de certa forma conhecer o trabalho pedagógico que desenvolverão com crianças nas primeiras séries do ensino fundamental no sentido da formação do sujeito moral” (LORDÊLO, ROSA, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar às considerações finais deste trabalho representou um duplo desafio, o de concluir o processo de escrita da dissertação, que por si só já é uma tarefa árdua para qualquer mestrando, mas também foi um desafio pessoal.

Enquanto estudante da pós-graduação enfrentei percalços e desafios previstos para uma estudante, que além de ser mãe e esposa, além de não obter liberação da Prefeitura Municipal de Feira de Santana para desenvolver suas atividades acadêmicas e precisar conciliar a rotina de uma professora com carga horária de 90 horas semanais da rede municipal, com as atividades do mestrado e passando por uma pandemia no primeiro ano de mestrado.

As incertezas desse primeiro âmbito não foram inéditas para mim ou para diversas outras colegas de curso que enfrentavam a mesma rotina. Para mim a dualidade de pesquisar um tema tão próximo à minha realidade de vida também foi um desafio surreal. Por diversas vezes me questioneei sobre a relevância social e científica e a importância do objeto de pesquisa que estava a propor.

Esta pesquisa fala muito sobre mim, sobre as várias “lanes” que enfrentam o dilema entre equilibrar os dois pratos, o da fé e o da ciência, e quantas não foram as vezes que ouvi o alerta “Ninguém pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará a um e amará o outro, ou será fiel a um e desprezará o outro” (Mateus 6:24). Diversas vezes fui julgada por me dedicar demais às “coisas do mundo” e me desligar “das coisas de Deus”, como se não fosse possível equilibrar as duas coisas. Por vezes precisei ter **fé para pensar** e utilizar a **razão para crer**.

Ao escrever essas considerações finais me vem em mente aquele quadro dos circos em que um equilibrista, muito eficientemente equilibra diversos pratos utilizando apenas varetas para isso. O objetivo do equilibrista é manter todos os pratos girando, sem deixá-los cair. E nós os espectadores, ficamos atônitos, aflitos com receio de que algum dos pratos caia ao chão. A apreensão surge da dificuldade que é manter todos os pratos equilibrados, girando ao mesmo tempo e cada um com uma velocidade que lhe garanta a estabilidade necessária.

Essa imagem do equilibrista precisando retornar aos pratos iniciais para que não deixem cair ao passo que comecem a desacelerar me remete a todo o processo que vivenciei nesses dois anos e meio ao longo da pesquisa, muito distante de ser eficiente nesse equilíbrio mas tentando incansavelmente em dar o meu melhor nesse desafio.

Quantas não foram as vezes em que precisei equilibrar os pratos utilizando mais de um artifício, realizando ponderações e reflexões que me ajudassem a mantê-los em movimento,

ainda que em velocidades diferentes, mantendo-os em movimento, segurando firme para que não precisasse iniciar tudo do zero. E não foram poucas as vezes.

Como pontuei no capítulo introdutório, a religião e a religiosidade sempre se fizeram presentes em minha trajetória acadêmica e pessoal desde a educação básica e na pós-graduação não seria diferente, para a minha surpresa. Inúmeras vezes questionei minhas crenças, minhas certezas, minhas convicções e minhas dúvidas. Fui vendo que a pesquisa que realizava se revelava como um espelho que me mostrava as belezas, mas também imperfeições e “procedimentos” que alteraram o perfil das religiões.

A produção de dados nos permitiu traçar um perfil dos estudantes de Pedagogia da UEFS, que reforça alguns padrões presentes em estudos sobre tal realidade: são em ampla maioria jovens na faixa etária entre os 17 a 25 anos de idade; com relação à identificação etnicorracial, 85,4% dos estudantes consideram-se pretos, sendo que destes 41% são pardos e 43,8% são pretos, apontando uma representação racial aproximada à da população feirense.

No que se refere à identificação religiosa dos estudantes de Pedagogia da UEFS, observa-se a predominância de duas matrizes religiosas cristãs (protestantes e católica), com domínio da primeira. Acompanhando o que os estudos de Scheliga, Knoblauch e Bellotti (2020) sinalizam, foi possível observar novas tendências no campo religioso brasileiro como o aumento dos protestantes e dos “sem religião” (23,6%) ou dos sem uma identidade religiosa definida. Além disso, a desproporcionalidade entre tais grupos e os demais (espíritas, candomblecistas, por exemplo), não permitem análises quantitativas e comparativas mais consistentes, embora especificidades de cada pertencimento emergem nos depoimentos de cada participante.

Entre os estudantes cristãos protestantes foi observado um maior engajamento e participação das atividades religiosas, o que pode representar também uma maior reprodução e fortalecimento de ideias e valores religiosos da denominação religiosa a qual estão vinculados. Assim como, observou-se que 89,3% desses estudantes atribuíram muita importância à religião em sua vida. Com relação aos estudantes católicos, 84% atribuíram muita importância.

Estes dados nos sinalizam que é urgente compreender o que pensam esses estudantes sobre a sua religiosidade e sobre a religiosidade dos seus alunos. Além disso, buscar compreender como são discutidos temas que são considerados tabus para religiões historicamente conservadoras como as cristãs (católica e evangélica).

Diante de dados que nos mostram que entre os estudantes protestantes, 67,9% frequentam semanalmente as atividades religiosas ou até mais de uma vez por semana e que

neste grupo há um maior engajamento e participação das atividades religiosas, somos levados a refletir que este dado pode representar também uma maior experiência de reprodução e fortalecimento de ideias e valores religiosos das denominações religiosas as quais estão vinculados.

Foi possível observar que a inserção no ambiente universitário favorece um alargamento dos saberes e conhecimentos, ampliando a leitura de mundo e posicionamento crítico dos estudantes frente às convicções religiosas que traziam anteriormente, uma vez que a universidade, enquanto um espaço de diversidade religiosa, acolhe essa diversidade por meio da tolerância religiosa.

Por meio da comovente contribuição de Marielle, que precisou sair do seu município de origem para estudar na UEFS, foi possível observar o quanto o acesso ao espaço acadêmico e a apreensão de novos conhecimentos e ampliação de horizontes e possibilidades de vida podem ser ampliados para determinados estudantes. Marielle relatou que antes de ingressar na universidade “‘tava’ na igreja a semana toda”, mas que após a sua mudança para outra localidade e precisando conciliar estudos e trabalhos seu engajamento nas atividades diminuiu à frequência apenas dos domingos.

Marielle pontuou ainda que foi por meio do acesso ao ambiente acadêmico que passou a enxergar as coisas de um ângulo que não conseguia enxergar dentro da igreja. Foi a partir dessa nova socialização que ela passou a se considerar bissexual sem a culpa que antes sentia quando era mais atuante na igreja.

Pode-se apreender então que a inserção ao meio acadêmico ou o afastamento do meio religioso a sua visão crítica sobre questões que anteriormente ela não havia ponderado foi ampliado, questões inclusive que o saber religioso da comunidade em que estava inserida a levavam a se considerar uma pessoa errada, culpada devido a sua orientação sexual.

Por meio da revisão de literatura sobre a religiosidade de estudantes universitários foi observado que as experiências religiosas dos estudantes exercem influência direta em suas trajetórias de vida, formas de enxergar e entender o mundo, na vida acadêmica e formação profissional. O trabalho de campo a partir da produção de dados nos levaram a observar que de fato a religiosidade incide sobre as suas trajetórias de vida como discutido por Groppo e Borges (2018).

A partir das contribuições de Bourdieu (2007) e Setton (2002) considero que os *habitus* - religioso e acadêmico - constituem-se como um conjunto de esquemas de percepção a partir das circunstâncias estimuladas pelo campo. Dessa forma, os esquemas dos *habitus*

híbridos acionados pelos estudantes de Pedagogia tenderia a ser acionada conforme os contextos de produção e realização (SETTON, 2002, p.66).

Observamos, numa análise qualitativa, que Maria, uma estudante católica do 7º semestre apresentou um posicionamento que diverge do que é preconizado pela instituição religiosa a qual pertence quando opinou sobre temas como a descriminalização do aborto e das drogas, por exemplo:

Não é tudo que a igreja fala, tipo a questão da condenação da igreja contra o aborto e isso vai contra o que a igreja fala (Maria, 7º semestre, católica).

Observamos aqui que a estudante aciona esse esquema de *habitus híbrido* exposto por Setton em que questiona se coloca em oposição e tensiona esses e outros temas como o casamento homoafetivo, ponderando quanto ao direito à existência dos casais (LGBTQIAP+), bem como de seus direitos. Nos parece que ela não abandona suas crenças ou motivações para continuar a pertencer a um grupo religioso que apresenta um pensamento contrário ao seu.

Nos chama atenção quando Maria sinaliza que diversos desses pensamentos, os quais ela chama de ensinamentos e dogmas por parte da igreja católica são disseminados fortemente nas igrejas pois os fiéis não realizam pesquisas sobre as temáticas antes de posicionarem a favor ou contra estes ensinamentos:

Muita gente nem pesquisa em relação ao que é a legalização do aborto, do que se trata a política de legalização do aborto, mas fala que é contra por conta de um discurso. Aí reproduz o discurso da igreja, o discurso que é passado na igreja e tem gente que fala que é contra a lei de redução penal aí fala que isso tá pautado no discurso da igreja (Maria, 7º semestre, católica, 20 anos).

Maria aciona conhecimentos diversos para se posicionar politicamente quanto aos temas apresentados. Em contrapartida, observamos que outra colega protestante, Madalena, apesar de em alguns momentos apresentar um comportamento mais reflexivo e questionador, mostra-se mais convicta quanto ao que é preconizado pela sua vinculação religiosa.

Madalena sinaliza que no Brasil a liberdade religiosa se dá com ressalvas e que há grupos religiosos que sofrem violência física como é o caso das religiões de matriz africana e, no caso das religiões cristãs a violência “do campo das ideias”.

[A violência física], principalmente das pessoas de religiões de matrizes africanas que a gente consegue ver a intolerância mesmo,

física mesmo das pessoas irem agredir fisicamente (Madalena, 3º semestre, protestante, 20 anos).

Apesar de apontar o tipo de violência sofrido pelas religiões de matriz africana, Madalena não aprofunda em qual seria a motivação para que pessoas de outras religiões violassem esse grupo religioso, a estudante não nomeia essas violências como intolerância ou racismo religioso.

Quanto aos pertencentes às religiões cristãs, a estudante pontua que:

[Essas pessoas sofrem violência] talvez intelectualmente, no campo das ideias. As religiões cristãs, por conta de algumas ideias que não batem com as ideias de algumas pessoas, por exemplo, temas sobre aborto, temas sobre homossexualidade, atualmente temas sobre política também, é isso. Mas a gente também não deve generalizar.

Aqui, nos parece que Madalena aponta a homofobia, crime previsto pela lei 10.948/2001, como uma divergência de ideias equiparando esse crime a divergências quanto a descriminalização do aborto ou políticas.

Mesmo que alguns estudantes identificam com religiões hegemônicas como a cristã, sejam eles católicos ou protestantes, apontarem para discursos mais progressistas quanto às discussões religiosas no âmbito escolar e quanto à sua influência religiosa com os demais ainda é possível ver que alguns não conseguiram se “descolar” da sua religiosidade.

Observou-se que alguns estudantes tiveram discursos que apontavam para uma neutralidade, amparados no discurso de laicidade. No entanto, esse discurso não apresenta legalidade suficiente para lidar com os casos de intolerância religiosa no espaço escolar. Deste modo, é preciso compreender o conceito de laicidade e estado laico.

Considera-se positivo que alguns estudantes sinalizem que as discussões envolvendo a questão religiosa em sala de aula como uma ferramenta didática para discutir temas sociais e unir forças contra as formas de discriminação, uma vez que pensam a escola como um espaço de socialização em que o pluralismo de ideias na perspectiva religiosa.

Deste modo, considero importante aprofundar em estudos posteriores uma análise sobre o que pensam os professores da educação básica sobre a laicidade no ambiente escolar, de forma a compreender o porquê de mesmo estando sob um estado dito laico, a presença de elementos religiosos ainda é tão presente em diversas escolas brasileiras, seja de forma material por meio de objetos, seja por meio de elementos mais subjetivos como falas, gestos etc.

Além disso, julgo importante aprofundar o debate sobre a religião e a religiosidade na academia, o que pensam os professores do curso de Pedagogia e como eles abordam a temática em suas aulas para além do que dizem as ementas de componentes curriculares do curso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R de. **A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo**. Cad Pagu. 2017; (50): e175001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201700500001>>, acesso em maio de 2023.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>, acesso em agosto de 2021.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **A economia das trocas simbólicas (1930-2002)**: introdução, organização e seleção. Sergio Miceli. - São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- _____. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas. Brasília, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkWI/document/id/6734509> . acesso em: 23 de out. de 2020.
- _____. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: junho de 2021.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em maio de 2022.
- CARNEIRO, Iane de Jesus; MARQUES, Eduardo Frederico Luedy; Faria, Ivan. A religiosidade evangélica entre jovens de um ministério de dança: espaços formativos e tensões pedagógicas com a escola. In: Seminário de Iniciação Científica – UEFS (SEMIC-UEFS), XV, 2011, Feira de Santana-BA. **Anais...** Feira de Santana, SEMIC-UEFS, 2011.
- COULON, A. **O ofício de estudante**: a entrada na vida universitária. Educação e Pesquisa, v. 43, n. 4, p. 1239–1250, out. 2017. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-43-4-1239.pdf>>. Acesso em 31 de out. de 2020.
- COUTINHO, R. Z.; MIRANDA-RIBEIRO, P. **Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude**: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 31, n. 2, p. 333–365, jul. 2014.

CRESWELL, J.W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. – 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/696271/mod_resource/content/1/Creswell.pdf>.

Acesso em: março de 2022.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLEXOR, G. G; RODRIGUES, A. O.; SILVA, R. D. Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense. **Sociologia**, Porto Alegre, ano 22, n. 53, jan-abr 2020, p. 138-171. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/soc/a/VzTXH8svfWGswLTdcbPTWFK/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em: abril de 2021.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humana**. Brasília-DF: Liber, 2005. Disponível em < <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/30290>>. Acesso em: março de 2022.

GROPPO, L. A.; BORGES, L. F. Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas. **Religião e sociedade**. n.38, setembro-dezembro, 2018. p. 183. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rs/a/vJgYtwvnMszMygnK7VPKHfb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: março de 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Amostra - Religião**:. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>, acesso em julho de 2023.

_____. **Cor ou raça**. Disponível em:

<<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>, acesso em setembro de 2023.

IRIART, M. F. S.; MATOS, D. A. Juventudes e Transições para o Ensino Superior: rupturas, suportes e desafios. **20º Congresso Brasileiro de Sociologia** – CNPQ, 2021. Disponível em <https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVEIWSURBREUiO3M6MjoiNDQiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiN2U2MmU0YWJIMzcvNDBkNjA1M2E1MGUyZGQyZDg1Y2IiO30%3D&ID_ATIVIDADE=44>. Acesso em: março de 2022.

KNOBLAUCH, A. Religião e formação docente: desafios para uma educação mais tolerante. **37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em < <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt14-4184.pdf>>. Acesso em: junho de 2021.

LORDÉLO, J. A. C.; ROSA, D. L. Educadores do futuro e valores do passado: um levantamento sobre temas polêmicos entre estudantes de pedagogia. **18 Encontro de**

Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN, 2007. Anais... João Pessoa, UFPB, 2007.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.22, n. 3: 320, set-dez. 2014, p.938 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>, acesso em outubro de 2021.

MAINGUENEAU, D. A análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, jan./jun. 2007. p.19 Disponível em <<http://www.pglettras.uerj.br/matruga/matruga20/arqs/matruga20a01.pdf>>. Acesso em março de 2022.

MARTINS, P. H.; BENZAQUEN, J. F. Uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, v 2, n 11, Ago/Dez, 2017. p.15-16. Disponível em: <<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/issue/view/184>>, acesso em abril de 2021.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843**; 2.ed . São Paulo: Boitempo, 2010. Disponível em: <<https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Marx,%20Karl/Critica%20da%20Filosofia%20do%20Direito%20de%20Hegel.pdf>>, acesso em maio de 2022.

MONSORES, L. H. **Religião, ensino religioso e cotidianos da escola: discutindo a laicidade na rede pública estadual do Rio de Janeiro. 2014**. Dissertação (Mestrado) - UERJ. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<http://www.btdt.uerj.br/handle/1/10641>>, acesso em abril de 2021.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

NOVAES, R. **Os jovens "sem religião"**: ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 321–330, set. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/HfVpVOGhx3CKwZF4mPHBwWp/#>>. Acesso em maio de 2022.

PIEPER, F. Religião: limites e horizontes de um conceito. **Estudos de Religião**, v. 33, n. 1 jan.-abr. 2019. p.5-35 Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/9056/6836>>, acesso em maio de 2022.

POLIDORO, Lurdes Fatima. **O ensino religioso nas escolas públicas: uma violação da laicidade do Estado? 2010** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2137>>, acesso em abril de 2021.

PPC: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. Projeto Pedagógico Do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Feira de Santana, Ba, 2018.

- RIBEIRO, J. C. **Religiosidade jovem**. Tese (Livre-Docente em Ciências da Religião), Departamento de Teologia e Ciências da Religião, PUC-SP. São Paulo, 269, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/36444377/Religiosidade_Jovem_pesquisa_entre_universit%C3%A1rios_texto_integral>. Acesso em: 27 de out. de 2020.
- RICETO, B. V; JUNIOR, P. D. C. Diálogos entre ciência e religião: a temática sob a ótica de futuros professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 100, n. 254, p. 169-190, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/mnnCPvwFdJTGnpL4qcqgpCH/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: junho de 2021.
- SANTOS, E. M. **Um olhar fenomenológico sobre a expressividade religiosa cristã na prática pedagógica do ser professor**. 2013. Dissertação (Mestrado) - UFPB, João Pessoa, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4229>>, acesso em abril de 2021.
- SCOTT, R. P.; CANTARELLI, J. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, Set./Dez. 2004. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18500/11876>>. Acesso em: 08 de nov. de 2020.
- SEPULVEDA, C; EL- HANI, C. N. Quando visões de mundo se encontram: religião e ciência na trajetória de formação de alunos protestantes de uma licenciatura em ciências biológicas. **Investigações em Ensino de Ciências**, v.9, n.2, p. 137-175, 2004. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/533>>. Acesso em: junho de 2021.
- SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista brasileira de educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, n.20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>>, acesso em abril de 2022.
- SHELIGA, E. L.; KNOBLAUCH, A.; BELLOTTI, K. K. Vínculos religiosos entre estudantes universitários: comparações entre licenciatura e bacharelado. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e 72695, 2020.
- SILVA, E. M. A. **Escolas da rede municipal do Recife: o ensino religioso, os parâmetros curriculares nacionais e a religiosidade do/a professor/a**. 2018. Dissertação (Mestrado) - UNICAP. PERNAMBUCO. 2018. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1038>>, acesso em abril de 2021.
- SPOSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1678-4634201712170308.pdf>>. Acesso em: set. de 2020.

SPYER, J. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SWATOWISKI, C.; SILVA, D.; ALVARENGA, O. Religião no contexto universitário: uma pesquisa entre estudantes de Ciências Sociais e Psicologia da UFU. **Interseções**. Rio de Janeiro. V. 20 n. 2, p. 388-411, dez. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39031/27509>>. Acesso em: 02 de nov. de 2020.

TAVARES, A. C. **O Ensino Religioso na escola: um estudo acerca da formação docente para o Ensino Religioso no município de Vila Velha**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Unida. Vila Velha, Espírito Santo. 2016. Disponível em:<<http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/128>>, acesso em abril de 2021.

VALENTE, G. A. A religiosidade na prática docente. **37 Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015**, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/bsQhkrXrmxLBfjtwYFpVSS/?lang=pt>>. Acesso em: junho de 2021.

WEBER, M. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: **Economia e Sociedade**. Vol. 1. Brasília: UNB e Imprensa oficial, 2004.

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Olá, espero que você esteja bem!

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a relação que estudantes do curso de Pedagogia da UEFS estabelecem entre as suas experiências religiosas e os conhecimentos acadêmicos. Gostaria de contar com a sua contribuição respondendo a esse questionário em que você falará um pouco sobre suas experiências pessoais, acadêmicas e religiosas.

Sua contribuição será importante e fundamental para a realização desse estudo. Este questionário é de rápido e fácil preenchimento e você precisará dispor de poucos minutos para respondê-lo. A sua identificação será mantida em sigilo e caso você tenha interesse em participar de outras etapas do estudo, ao final do questionário, você poderá deixar seus dados para contatos futuros.

Sou grata pela sua participação e me coloco à sua disposição para sanar qualquer dúvida.

Você poderá entrar em contato comigo pelo e-mail: ianejmacedo@gmail.com.

*Obrigatório

Dados sociodemográficos

1. 1. Em qual semestre do curso você está?

Marcar apenas uma oval.

- 1º semestre
- 2º semestre
- 3º semestre
- 4º semestre
- 5º semestre
- 6º semestre
- 7º semestre
- 8º semestre
- Outro: _____

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

2. 2. Qual a sua idade?

3. 3. Em que bairro/cidade mora?

4. 4. Como define a sua cor?

Marcar apenas uma oval.

Preta

Branca

Parda

Indígena

Amarela

Outro: _____

5. 5. Como define seu gênero?

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

Outro: _____

6. 6. E como define a sua orientação sexual?

Marcar apenas uma oval.

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Outro: _____

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

7. 7. Você está trabalhando no momento?

Marcar apenas uma oval.

- Não
- Sim, estagiando em escola
- Sim, trabalhando em escola
- Sim, em outra área
- Outro: _____

8. 8. Caso esteja estagiando/trabalhando em escola. Em qual(is) grupo(s) ano(s)?

Marcar apenas uma oval.

- Educação Infantil
- Ano Iniciais do Ensino Fundamental
- Não estou estagiando

9. 9. Em que tipo de escola?

Marcar apenas uma oval.

- Privada
- Pública
- Não se aplica

Religião e experiência religiosa

10. 10. Você acredita em Deus (ser, poder, espírito, inteligência ou força superior)?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Outro: _____

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

11. 11. Caso a sua resposta na pergunta anterior tenha sido "Outro", por favor, explique:

12. 12. Quanto à sua religião. Como você se considera?

Marcar apenas uma oval.

- Agnóstico
- Ateu
- Candomblecista
- Católica
- Espírita
- Maçom
- Mórmons
- Protestante
- Testemunha de Jeová
- Umbandista
- Não tenho religião
- Outro: _____

13. 13. Caso tenha uma religião que não foi listada anteriormente, por favor, sinalize abaixo:

14. 14. Caso seja protestante/evangélico, qual a denominação?

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

15. 15. Quem mais influenciou a escolha de sua religião?

Marcar apenas uma oval.

- Meus pais
- Outros parentes
- Amigos
- Lideranças religiosas (padres, médiuns, pastores)
- Ninguém, foram motivos pessoais
- Outro: _____

16. 16. Alguma vez você mudou de religião, doutrina ou crença ao longo da vida?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

17. 17. Caso tenha mudado de religião, doutrina ou crença o que te levou à essa mudança?

18. 18. Com relação à sua experiência religiosa. Como você definiria o seu grau de participação engajamento?

Marcar apenas uma oval.

- Semanalmente
- Mais de 5 vezes por mês
- Entre 1 a 2 vezes por mês
- Freqüente apenas em festividades como casamentos, batizados, iniciações etc.
- Não freqüente

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

19. 19. Qual a importância da religião em sua vida?

Marcar apenas uma oval.

- Muita
- Pouca
- Nenhuma

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

20. 20. Você acredita em:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Santos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Anjos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Espírito(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demônio(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entidades/orixás	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reencarnação/vidas passadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Energia/aura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Milagres	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adivinhação/previsão do futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Você acha que o demônio ou alguma entidade do mal pode tomar conta do corpo e do espírito de uma pessoa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Você costuma participar de atividades de outras religiões além da sua?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

21. 21. De que modo você normalmente pratica a sua religião? (Assinale quantas alternativas quiser)

Marque todas que se aplicam.

- Oração diária
- Participação de cultos / celebrações
- Meditação
- Obras de caridade
- Promessas
- Ofertas/Contribuição financeira da instituição
- Oferendas
- Mediunidade/incorporação
- Participação de atividades de cuidado/manutenção da instituição
- Formação religiosa (instrução/evangelização/catequese etc)
- Não pratica
- Outro: _____

22. 22. Com qual das afirmações você mais concorda? (Escolha apenas uma opção)

Marcar apenas uma oval.

- Deus manda em tudo o que acontece no mundo
- Deus dá uma grande liberdade ao homens e só intervém em ocasiões graves e especiais
- Deus criou os homens livres e não interfere na história humana
- Não acredito em Deus

23. 23. Quais valores julga que os alunos devem aprender na escola? (Assinale quantas alternativas quiser)

Marque todas que se aplicam.

- A diferença entre o bem e o mal
- Ética, cidadania e respeito
- Valores religiosos para a formação de caráter
- Outro: _____

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

24. 24. Como você pensa em trabalhar valores na sala de aula? (Assinale quantas alternativas quiser)

Marque todas que se aplicam.

- Utilizando materiais didáticos que trabalham o assunto (livros, jogos)
- Conversando com os alunos;
- Interferindo em situações de conflito e expondo a forma como os alunos deveriam se comportar;
- Outro: _____

Prática docente e religiosidade

25. 25. Você acha que é necessário e/ou importante o (a) professor (a) conhecer a religião dos alunos (as)?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

26. 26. Você acredita que a religião de seus alunos tem influência no desempenho escolar?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

27. 27. Você acha que a sua religião influencia ou influenciará em sua prática pedagógica?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

28. 28. Como você acha que a sua religião influencia ou influenciará em sua prática pedagógica?

29. 29. Você identifica elementos religiosos no cotidiano escolar?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

30. 30. Quais elementos você identifica elementos religiosos no cotidiano escolar?

Caso tenha interesse em participar da segunda etapa dessa pesquisa, um grupo focal, que acontecerá em dois momentos (agendados de acordo com a sua disponibilidade e com duração de no máximo 1h) por favor, deixe seu nome, telefone e/ou e-mail para mantermos contato.

31. *

Marcar apenas uma oval.

- Tenho interesse em participar do grupo focal.
 Não tenho interesse em participar do grupo focal.

Identificação para participação do grupo focal

26/07/2022 12:58

QUESTIONÁRIO

32. Nome:

33. Telefone para contato:

34. E-mail:

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 1: *SER RELIGIOSO - INDIVÍDUO E RELIGIÃO*

· Introdução:

- Apresentação das participantes e da pesquisadora;
- Apresentar proposta da pesquisa e seus objetivos;
- Fazer uma breve explicação sobre a dinâmica do grupo focal e do seu funcionamento;
- Dar início ao grupo focal a partir dos temas geradores.

· Temas geradores:

- Como vocês percebem a religiosidade no Brasil?
- O que a religião representa para suas vidas?
- Como vocês caracterizam uma pessoa religiosa? Como a religiosidade pode influenciar a vida de uma pessoa?
- Como vocês percebem a diversidade religiosa dentro da academia e dentro do curso de Pedagogia?
- Como vocês sentem que a sua religiosidade é vista/ encarada dentro do espaço acadêmico?
- Já vivenciaram alguma divergência, dilema ou até mesmo conflito envolvendo a sua religiosidade dentro da universidade?
- O que vocês pensam sobre a inserção de temas envolvendo religião e religiosidade nas ementas das disciplinas do curso?
- Como vocês lidam (ou pretendem lidar) com temas envolvendo religião e religiosidade na escola?

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 2: *SER PEDAGÓGICO/CIENTÍFICO - RELIGIÃO E PRÁTICA EDUCATIVA*

· Introdução:

- Apresentação das participantes e da pesquisadora;
- Apresentar proposta da pesquisa e seus objetivos;
- Fazer uma breve explicação sobre a dinâmica do grupo focal e do seu funcionamento;
- Dar início ao grupo focal a partir dos temas geradores.

· Temas geradores:

- Como vocês acham que a religiosidade aparece na mídia?
- Como vocês imaginam que a família influencia em sua religiosidade?
- Como você acha que a religiosidade aparece na escola? Você relatar algum episódio que envolvesse a religiosidade nesses espaços?
- O que você acha dos alunos levarem elementos religiosos (kipá, véu, bíblia, nome, imagem de santos etc.) para sala de aula?
- Em quais situações você imagina que pode haver conflitos entre a religião dos alunos na escola?
- Sobre as datas comemorativas na escola, você acha que pode haver conflitos? Você pode relatar quais situações estariam envolvidas?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Introdução:

- Apresentação da pesquisadora;
- Apresentar proposta da pesquisa e seus objetivos;

1. VIVÊNCIAS PESSOAIS, FAMILIARES E ESCOLARES COM RELIGIÃO

- 1.1. Poderia falar um pouco sobre você?
- 1.2. Você poderia falar um pouco sobre a religiosidade da sua família?
- 1.3. Como você imagina que a sua família influencia em sua religiosidade?
- 1.4. Poderia falar um pouco sobre sua trajetória escolar e em quais situações você observava a presença/relação e/ou tensão com a sua religiosidade ou com a religiosidade de outras pessoas?
- 1.5. Como você percebe a religiosidade no Brasil, hoje?

2. IDENTIDADE RELIGIOSA (QUAL RELIGIÃO E SUA RELAÇÃO COM A PRÓPRIA E DEMAIS RELIGIÕES)

- 2.1. Como você acredita que a religiosidade pode influenciar a vida de uma pessoa? Como se dá a influência religiosa?
- 2.2. Sobre sua identidade religiosa, como você a definiria?
- 2.3. Você tem conhecimento sobre a identidade religiosa dos seus colegas? Como você costuma lidar com religiões diferentes das suas? Poderia falar um pouco sobre isso?

3. RELIGIÃO E VIDA ACADÊMICA (ONDE E COMO APARECE; QUAIS AS TENSÕES VIVENCIOU OU PRESENCIOU, COMO CONCILIA CRENÇAS E CONHECIMENTO CIENTÍFICO)

- 3.1. Como você percebe a diversidade religiosa dentro da academia? E dentro do curso de Pedagogia?
- 3.2. Como você sente que a sua religiosidade é vista/ encarada dentro do espaço acadêmico? E a religiosidade dos estudantes com religiosidade não hegemônica? ALTERIDADE
- 3.3. Já vivenciou alguma divergência, dilema ou até mesmo conflito envolvendo a sua religiosidade dentro da universidade? Caso não, e de outros colegas?

- 3.4. Você observa que o tema religião e religiosidade é abordado em algum componente/disciplina? Se sim, em quais?
- 3.5. O que você pensa sobre a inserção de temas envolvendo religião e religiosidade nas ementas das disciplinas do curso?
- 3.6. Como essas temáticas são abordadas pelos professores?
- 3.7. Como você avalia a participação dos estudantes nesses componente/disciplinas?

4. PERSPECTIVAS COMO EDUCADORA

- 4.1. Como você lida (ou pretende lidar) com temas envolvendo religião e religiosidade na escola?
- 4.2. Como você acha que a religiosidade aparece na escola? Você pode relatar algum episódio que envolve a religiosidade nesses espaços?
- 4.3. O que você acha de os alunos levarem elementos religiosos (kipá, véu, bíblia, nome, imagem de santos etc.) para sala de aula?
- 4.4. Em quais situações você imagina que pode haver conflitos entre a religião dos alunos na escola?
- 4.5. Sobre as datas comemorativas na escola, você acha que pode haver conflitos? Você pode relatar quais situações estariam envolvidas?

APÊNDICE E - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, da pesquisa **Fé que crê, razão que pensa: uma análise da relação entre a vida acadêmica e as experiências religiosas de estudantes de Pedagogia da UEFS**. Este RCLE respeita as exigências contidas nos itens IV.3 da Res.466/12 do e CNS 510/2016, bem como o que prevê na Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Todas as vias deste documento devem ser rubricadas pelos pesquisadores responsáveis e por você, caso aceite participar da pesquisa. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA: Título do Projeto: Fé que crê, razão que pensa: uma análise da relação entre a vida acadêmica e as experiências religiosas de estudantes de Pedagogia da UEFS. Pesquisadores responsáveis:** Iane de Jesus Carneiro (mestranda); Prof. Dr. Ivan Faria (orientador). **Tempo previsto:** junho de 2022 a setembro 2022. Esta pesquisa tem como objetivo compreender quais são os conflitos existentes entre o conhecimento científico e o conhecimento religioso a partir das experiências religiosas dos (as) estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia da UEFS. Além disso, busca traçar o perfil religioso dos (as) estudantes através de suas experiências religiosas, bem como estes estudantes interagem com os conhecimentos científicos adquiridos ao longo do curso. O estudo envolverá a aplicação de questionário nas oito turmas do curso de Pedagogia da UEFS, que correspondem a turmas do 1º ao 8º semestre do curso, que equivale a aproximadamente 300 discentes, no período de junho a julho de 2022. Você necessitará disponibilizar em torno de 40 min. para responder ao questionário. Além do questionário, o participante que desejar e possuir disponibilidade poderá participar da segunda etapa da pesquisa que corresponde ao grupo focal. Para isso, o participante disponibilizará para a realização de cada grupo focal em torno de 60 min. Serão realizados dois grupos focais em dias e horários a serem definidos pelos participantes em comum acordo com a equipe de pesquisadores, sendo desejável que os mesmos estudantes participem dos dois grupos. Os grupos focais abordarão as experiências religiosas e a relação entre ciência e religião, no período de agosto a setembro de 2022. A aplicação dos questionários se dará nas salas de aula dos (as) estudantes, no próprio campus universitário e os grupos focais serão realizados nas salas de aula da Pós-Graduação em Educação, também no campus universitário. Serão adotadas algumas medidas frente aos possíveis riscos que uma pesquisa dessa natureza possa oferecer, como a timidez em interagir com estranhos, medo de repercussões eventuais ou de divulgação de dados confidenciais. De forma a sanar ou minimizar tais riscos, será garantido aos participantes o acesso aos resultados individuais e coletivos produzidos pela pesquisa. Haverá o esforço em minimizar ao máximo desconfortos escolhendo um ambiente reservado e será garantido aos participantes direito de não responder perguntas que lhe pareçam constrangedoras. Será assegurado que quando da realização dos grupos focais a pesquisadora será acompanhada e coordenada por seu orientador e pesquisador mais experiente que fornecerá apoio. O participante será assegurado acerca da confiabilidade e privacidade, bem como a proteção da imagem, bem como garantir que os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos dos participantes serão amplamente respeitados e que o estudo será suspenso caso seja notado qualquer risco ou danos à saúde dos

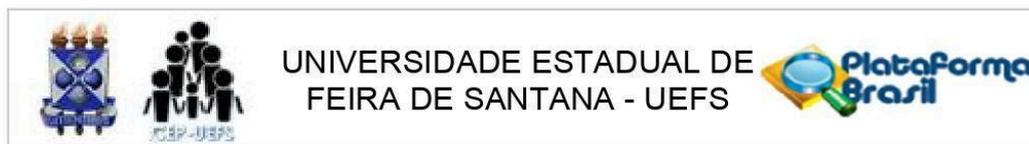
participantes. Estes grupos serão gravados e mediados pelos pesquisadores, sendo posteriormente transcritos. A pesquisa não produzirá riscos diretos aos seus participantes, porém, emoções e sentimentos poderão ser mobilizados e gerar algum desconforto ao participante, sendo facultado que este retire o consentimento sem nenhum prejuízo pessoal ou acadêmico, a qualquer tempo. De modo a assegurar as garantias éticas aos participantes da pesquisa adotando medidas que garantam a liberdade de participação, a integridade do participante da pesquisa e a preservação dos dados que possam identificá-lo, garantindo, especialmente, a privacidade, sigilo e confidencialidade e o modo de efetivação. Esta pesquisa não envolve custos aos participantes, nem qualquer tipo de vantagem financeira. O participante da pesquisa receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. O participante tem garantido o direito de solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI). Além disso, o participante tem o direito de solicitar indenização, diante de eventuais danos, bem como tem o direito ao ressarcimento por eventuais gastos decorrentes da pesquisa. O participante da pesquisa receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Em caso de resposta ao questionário virtual, solicito que você guarde em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico que será automaticamente direcionado apenas para a sua caixa de e-mails uma cópia com as suas respectivas respostas, não havendo, portanto, compartilhamento dos seus dados com nenhum outro participante ou divulgação dos seus dados para terceiros. Da parte dos pesquisadores assegura-se que os dados coletados serão utilizados para fins estritamente acadêmicos, ficando sob a responsabilidade da equipe de pesquisa e arquivados no grupo de pesquisa Trajetórias, Cultura e Educação (TRACE) do Departamento de Educação, sendo descartados após 5 anos com a garantia da não identificação dos participantes. Dentre os benefícios pela participação na pesquisa estão a possibilidade das estudantes iniciantes na docência, refletirem e dialogarem sobre suas experiências pessoais, socioculturais, acadêmicas e religiosas, fornecendo dados importantes para ações e suportes institucionais de acompanhamento da vida estudantil. Os resultados produzidos serão divulgados e compartilhados com a comunidade acadêmica, estando os pesquisadores cientes do compromisso social da pesquisa e sua publicização. Assim, fica assegurado aos participantes "os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa", conforme Resolução 466/12. Os participantes que, porventura, se recusarem a participar serão automaticamente excluídos da pesquisa e seus dados serão desconsiderados, como previsto no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) e poderá desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou dano pessoal e seus dados serão descartados imediatamente. Em caso de dúvidas relacionadas às questões éticas da pesquisa, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEFS): Endereço: Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte – Feira de Santana, Bahia. CEP: 44.036-900. Fone: 75 3161-8067. E-mail-cep@uefs.br.. Ou quanto à pesquisa, procurar a pesquisadora responsável Iane de Jesus Carneiro, Prédio da Pós-Graduação em Educação Letras e Artes, UEFS, módulo 2, Sala do grupo de pesquisa TRACE, Fone: 75 3161.8879/ 75 992704613 ou no e-mail ianejcmacedo@gmail.com.

Feira de Santana, ___ de _____ de 2022.

Pesquisadora responsável - Iane de Jesus Carneiro

Assinatura do (a) participante

ANEXO A - PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA APROVANDO A REALIZAÇÃO DA PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.718.674

Análise do CEP: solicitação atendida

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1926107.pdf	09/08/2022 23:19:24		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_IANE_DE_JESUS_CARNEIRO.docx	09/08/2022 23:18:18	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Outros	OFICIO_02.docx	09/08/2022 23:17:05	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_OFICIO02.docx	09/08/2022 23:15:29	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_IANE_DE_JESUS_CARNEIRO_OFICIO02.docx	09/08/2022 23:13:47	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE.docx	09/08/2022 23:13:19	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_IANE_DE_JESUS_CARNEIRO.pdf	07/06/2022 09:50:25	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_IANE_DE_JESUS_CARNEIRO.pdf	07/06/2022 09:46:43	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Outros	OFICIO_01_RETORNO_E_ATENDIMENTO_DAS_PENDENCIAS_DO_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP.docx	07/06/2022 09:41:07	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Outros	INSTRUMENTOS.docx	08/04/2022 14:08:11	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_COLEGIADO.pdf	08/04/2022 14:03:58	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_PESQUISADOR.pdf	08/04/2022 14:02:07	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_IANE_DE_JESUS	06/04/2022	IANE DE JESUS	Aceito

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 5.718.674

Folha de Rosto	ARNEIRO.pdf	22:17:19	CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_IANE_DE_JESUS_CARNEIRO.docx	05/04/2022 23:15:11	IANE DE JESUS CARNEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 24 de Outubro de 2022

Assinado por:
LIZ SANDRA SOUZA E SOUZA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br